



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia

BRUNA NARCISO RODRIGUES DOS SANTOS

**A Família na Escola:
O olhar da família sobre uma escola municipal.**

Rio de Janeiro

2016

BRUNA NARCISO RODRIGUES DOS SANTOS

A Família na Escola:

O olhar da família sobre uma escola municipal.

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador a: Dr.^a SILVINA JULIA FERNÁNDEZ

Rio de Janeiro

2016

A minha orientadora que muito fez pela minha formação social e educacional, durante sua orientação dedicada e paciente, e com o incentivo tornando possível a conclusão desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço aos meus heróis, minha mãe Monica Narciso e meu pai Carlos Luiz, que me deram todo o apoio para completar minha caminhada. Com incentivos nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, com atenção e cuidado nos momentos de estudo e durante todo o percurso. E a minha tia, que dedicou seu tempo e sua paciência no apoio durante a construção deste trabalho.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo investigar a visão das famílias sobre as mudanças na gestão e organização escolar, assim como sobre os efeitos destas mudanças na aprendizagem dos educandos, em uma escola da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Com essa investigação busca-se problematizar a relação família-escola no desenvolvimento pedagógico do educando de acordo com os acontecimentos da escola em questão. Com esse intuito, focamos na relação da família com a escola e as possíveis interferências destas no processo de aprendizagem. A pesquisa desenvolveu-se como estudo de caso e utilizou como instrumentos: entrevista, observação participante e enquetes, no segundo semestre de 2015. Como resultado obteve-se grande participação das famílias respondendo e falando um pouco mais de suas vivências. Percebesse que a escola vem traçando um caminho de aproximação das famílias, porém algumas barreiras devem ser vencidas, como a compreensão das responsabilidades específicas de cada grupo social, escola e família, na aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Relação família-escola; Gestão escolar; Aprendizagem; Ensino Fundamental.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I – Um pouco mais sobre a relação família-escola.....	13
1 – A família.....	13
2 – A escola	16
3 – Problematizando a relação Família-Escola.....	18
CAPÍTULO II – A escola de fora para dentro.....	25
2.1 – Localização da escola na rede escolar e no espaço urbano.....	25
2.2 – Levantamento dos aspectos socioeconômicos e culturais através de alguns indicadores.....	27
2.3 – Levantamento das características de atendimento.....	29
2.4 – Levantamento dos resultados da escola.....	30
2.5 – Levantamento construtivos, dimensionais e de uso dos prédios escolares.....	35
2.6 – Levantamento das dimensões funcional e relacional da escola.....	35
2.7 – Gestão Democrática.....	37
2.8 – Projeto Político Pedagógico.....	38
2.9 – Mudanças Pedagógicas.....	40
CAPÍTULO III – A Escola na Visão das Famílias.....	42
3.1 Entrevistas.....	43
3.2 Enquetes.....	48
CONCLUSÕES.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

Dentro da escola há mitos que se baseiam no senso comum, mitos que se formam e se desenvolvem utilizando alguns acontecimentos como base. Um deles me chamou muito a atenção, é aquele que afirma que os educandos que “possuem família”, pessoas responsáveis que apoiam a escola em suas decisões, aprendem melhor que os outros que não possuem auxílio ou participação de suas famílias na escola. Como aluna, filha de professora, professora da rede particular na zona norte do Rio de Janeiro e estagiária do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, escutei diversas vezes, e também repeti, frases como: “Quando o educando tem família ele aprende mais!” Ou: “Esse menino é muito inteligente, também, a mãe dele fica em cima”. Porém, depois de algumas experiências que se mostraram contrárias a essas frases, resolvi buscar respostas, problematizando-as para que o meu dizer e fazer profissional não fiquem no senso comum.

Em muitas das pesquisas que realizei para a produção desta monografia encontrei a relação da escola com a família como uma moeda, possuindo dois lados que se completam para uma formação dos sujeitos em questão, educandos. Uma instituição influencia na outra e as duas influenciam na aprendizagem do corpo discente.

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui-se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). (POLONIA & DESSEN, 2005, pag.304)

Essa relação vem sendo visada por países ocidentais que, nos últimos anos, têm desenvolvido políticas públicas para estreitar esta parceria. O Brasil também tem seguido essa tendência, segundo Nogueira (2006, pág. 155-170) duas políticas que podem ser citadas devido à repercussão junto à população, são: “O dia nacional da família na escola”, lançado pelo Ministério da Educação (MEC) no dia 24 de abril de 2001, e a campanha em território nacional, realizada entre dezembro de 2004 e janeiro-fevereiro de 2005, que convocava as famílias usuárias das escolas públicas, a receber em suas casas os pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que investigavam sobre a satisfação com relação ao serviço público escolar que receberam no ensino fundamental e médio.

Porém, estas não são as únicas políticas apresentadas nos últimos quinze anos para a aproximação da família e da escola, no que concerne à aprendizagem dos educandos. Também encontramos programas e projetos que, em parceria com emissoras de televisão, o Ministério de Educação e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), trabalham a aproximação da escola com a família e a comunidade em torno da escola. Podemos citar o programa “Escola Aberta”, lançado em 15 de outubro de 2004 pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) com o objetivo de incentivar e apoiar a abertura, nos finais de semana, de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social. A estratégia buscava potencializar a parceria entre escola e comunidade. Isto, sem contar com a multiplicidade de políticas locais, mobilizadas pelos diversos sistemas educacionais municipais e estaduais do país com esse objetivo.

Tive a oportunidade, em um dos meus estágios obrigatórios, de acompanhar a mudança de gestão em uma escola pública da zona norte do Rio de Janeiro e com isso perceber as mudanças físicas e pedagógicas que foram consideradas como positivas, segundo a visão da nova gestão. Levando em consideração as frases escutadas e faladas por mim durante meu curto período no cargo de professora e a experiência dentro da coordenação desta escola pública como estagiária, pude questionar-me não apenas como a escola estava percebendo e encaminhando essas mudanças, mas, sobretudo, como as famílias estavam considerando-as, observando a aprendizagem de seus filhos e dependentes.

Pensando, então, nessa relação família e escola, decidi investigar mais a fundo o que as famílias pensam sobre a escola pública em que seus filhos estão matriculados. Dada a minha relação como estagiária na escola mencionada, optei por realizar a pesquisa de campo nesta instituição, levando em consideração as mudanças realizadas durante os quatro últimos anos: a mudança de direção, da postura dos professores, da relação da escola com as famílias e as mudanças na organização do espaço e dos horários, e observando o desenvolvimento escolar de alguns educandos durante algumas dessas mudanças. Assim, acredito que poderemos confirmar ou não o cunho positivo, defendido pela gestão, das mudanças realizadas na escola, com foco na relação com as famílias, visando à melhora da aprendizagem dos educandos.

Diante desta relação, faz-se importante apresentar alguns dos conceitos que utilizarei nesta pesquisa, não necessariamente advindos de um autor, porém com o objetivo de esclarecer a direção tomada pela pesquisadora. Assim, mesmo sabendo que há uma ampla discussão sobre estes conceitos, preferimos uma definição mais delimitada, a fim de facilitar o trabalho de campo realizado na escola. Primeiramente o conceito de família. Hoje

encontramos muitas formas de família, “formações familiares que se modificaram ao longo dos tempos devido a vários fatos relacionados ao desenvolvimento da sociedade moderna, não seguindo mais aos padrões patriarcais” (CARVALHO, 2009). Este trabalho, porém, não discutirá sobre a formação familiar e, sim, utilizará o termo para designar os responsáveis pelos cuidados e pela educação dos indivíduos, no caso, considerando-os do ponto de vista que, pedagogicamente, nos interessa: com relação aos estudantes, já que

Apesar de a família ser apontada como uma das variáveis responsáveis pelo fracasso escolar do aluno (CARVALHO, 2000), a sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem humana é inegável. Um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola. (POLONIA & DESSEN, 2005, pag.304)

Outras definições são importantes para a compreensão desta pesquisa como a de escola e a de aprendizagem escolar. O conceito de escola, também amplamente debatido a partir de diversas abordagens, vem de uma produção da UNESCO e do MEC, no livro “Interação escola-família: subsídios para práticas escolares”. Neste texto, Castro e Regattieri (2009) definem escola como:

Parte do sistema público de ensino que é responsável primário pela educação escolar. Segundo a LDB (1996), a educação escolar tem como objetivo, no ensino fundamental, “a formação básica do cidadão compreendida como: I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (pág. 13)

Retomaremos esse conceito no primeiro capítulo.

Aqui se apresenta também o conceito de aprendizagem escolar. Aos fins dessa pesquisa - dado que não será o nosso foco específico, mas será tomado como consequência do nosso problema central - entenderemos aprendizagem escolar como o conhecimento construído e adquirido pelos educandos em função daqueles conteúdos e habilidades ensinados e, posteriormente, solicitados pelos docentes aos seus alunos através de diversos instrumentos avaliativos. Conteúdos e habilidades, que se espera que os estudantes aprendam em determinado momento da sua trajetória escolar. Serão considerados, para isso, referências a

reprovação/aprovação, boletins, provas e ocorrências comportamentais em sala, levando em consideração que o comportamento influencia no modo de construir conhecimento. Não serão realizados encontros com os alunos a fim de verificar o nível de conhecimento e habilidades adquiridas durante este ano. Porém, a aprendizagem levará em conta o que foi dado pela professora em sala, ou seja, o sucesso ou o fracasso será considerado com base nos conteúdos trabalhados em sala pela professora do educando no ano da pesquisa.

Levando em consideração a relação das famílias com essa escola e as mudanças desta influenciando a aprendizagem dos estudantes me pergunto: Será que as famílias da Escola Municipal estudada estão de acordo com a gestão da escola? Quais foram as mudanças apresentadas? Por que foram realizadas? Qual o objetivo da gestão? Qual seria a participação da família? As famílias estão de acordo e cientes de quais foram as mudanças? Na visão da família, o que se modificou na aprendizagem de seus filhos? De que forma essas mudanças influenciaram o desenvolvimento escolar dos educandos?

Em função de responder estas perguntas este trabalho definiu como objetivo geral:

- Investigar a visão das famílias sobre as mudanças na gestão e organização escolar, realizadas em uma escola pública municipal da zona norte da cidade do Rio de Janeiro e sua relação com a aprendizagem do alunado.

Tendo, assim mesmo, como objetivos específicos:

- Compreender a complexidade das relações entre a instituição família e a instituição escola, na aprendizagem dos educandos;
- Identificar as mudanças, físicas e pedagógicas, realizadas nos últimos anos na Escola Municipal estudada;
- Dimensionar a importância da escola pesquisada para as famílias com relação à aprendizagem de seus filhos;
- Analisar a opinião das famílias em relação às mudanças de gestão e organização apresentadas na escola estudada, procurando colaborar com um retorno à escola em relação à visão dos responsáveis sobre essas mudanças.

O estudo foi realizado em uma escola municipal localizada na zona norte do Rio de Janeiro, próxima uma comunidade conhecida como Brasília, no complexo do Alemão. Esta escola foi escolhida pela facilidade que possuo, como pesquisadora, para realizar ali a pesquisa. Estive durante seis meses atuando como estagiária da disciplina Prática em Política e Administração Educacional nessa escola, o que me aproximou da coordenação do colégio e me possibilitou realizar esta monografia, tornando-a tema e campo de pesquisa. Assim passei

a conhecer e ter contato com a gestão, mesmo após o fim do estágio. A escola possui em torno de 990 educandos divididos em dois turnos: manhã com 18 turmas e tarde com 17 turmas. Estas turmas compreendem educandos da educação infantil ao sexto ano, este último está em modo experimental¹. A pesquisa foi realizada durante o turno da tarde que possui menor quantitativo de educandos que o turno oposto. A escolha pelo turno se deu por dois motivos: o primeiro e mais importante é por apresentar menor presença de responsáveis nas reuniões e atividades escolares em relação ao turno da manhã, o segundo, pela disponibilidade da pesquisadora.

Esta pesquisa de cunho qualitativo foi produzida com a realização de um estudo de caso com enfoque no ensino das séries iniciais. Utilizei como base Duarte (2015), que apresenta algumas dificuldades enfrentadas quando utilizamos metodologias de base qualitativa, o que me fez refletir sobre os possíveis problemas e as resoluções necessárias. E Ludorf (2004), que traz as etapas de realização de uma monografia, desde o projeto até seu término, passando pelas etapas de uma organização de base qualitativa. Sempre com reflexões sobre a produção para construir a pesquisa de cunho qualitativo.

Em relação ao estudo de caso utilizei Yin, onde ele define esse método separando em duas partes:

[...], um o estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre fenômeno e o contexto puderam não estar claramente evidentes. A segunda parte da definição aponta para o projeto e para a coleta de dados – por exemplo, como a triangulação de dados ajuda a tratar a condição técnica distintiva, por meio da qual um estudo de caso terá mais variáveis de interesse do que pontos de dados. (YIN, 2013, pág. 2)

Metodologicamente, em um primeiro momento, deixamos a critério da gestão da escola a escolha de uma turma de cada ano do Ensino Fundamental I: uma do 1º ano, uma do 2º ano, uma do 3ºano, uma do 4ºano e uma do 5ºano. A seguir, escolhemos através de sorteio as famílias, uma de cada ano indicado anteriormente, a serem entrevistadas.

Paralelamente, enquetes foram realizadas durante um mês, aproximadamente vinte dias, no horário de saída dos educandos com outras famílias que fazem parte da escola. Neste momento só participaram as famílias que buscaram seus filho na escola neste período e que concordaram com a realização da enquete, não houve uma escolha prévia. Pretendeu-se como

¹ O sexto ano experimental foi implantado pela Prefeitura do Rio em 2011. O projeto se centra na proposta de manter somente um professor na sala de aula para todas as disciplinas ainda no sexto ano, a diferença de como vinha sendo realizado na rede, com diversos professores para as diferentes disciplinas escolares.

isso, ter uma visão mais ampla, porém menos aprofundada que com as entrevistas, sobre a relação da escola com a família.

Todos os instrumentos foram utilizados com os responsáveis das turmas escolhidas que concordaram em participar e com a coordenação da escola. As entrevistas foram realizadas com o objetivo de aprofundar a opinião sobre as mudanças em relação aos responsáveis e, com a coordenação, para compreender melhor qual o objetivo e o motivo destas mudanças. A enquete envolveu uma breve série de perguntas destinadas a obter uma opinião mais geral destas famílias, nos horários de saída e de reunião. Por fim, a observação participante aconteceu durante todo o momento que estive em campo, buscando mais informações e detalhes no dia a dia da escola.

Em função de apresentar os resultados da pesquisa, a monografia aborda, no primeiro capítulo, a importância da participação da família na escola e a interferência desta relação na aprendizagem do educando. No capítulo 2 analisaremos a descrição da escola, um olhar de fora para dentro, envolvendo as mudanças realizadas nos quatro últimos anos de nova gestão, focalizando nas questões pedagógicas. Depois, no capítulo 3, apresentaremos os dados da pesquisa, problematizando a relação escola-família, atendendo especialmente ao desenvolvimento pedagógico do educando. Que tipo de participação tem esta família e como percebe o desenvolvimento do educando no período estudado? Por fim, apresentaremos as considerações finais do trabalho realizado.

Capítulo I - Um debate sobre a relação família-escola.

A escola tem vivenciado profundas crises nos últimos anos. A impressão que temos, muitas vezes, é que o rumo a ser tomado é incerto. Nesta realidade complexa, podemos observar crianças que não se interessam pela escola; professores que procuram explicações para o fracasso de grande parte de seus alunos; teóricos buscando refletir e apontar caminhos para solucionar os problemas da educação; professores que acusam os alunos de serem indiferentes à escola e às suas respectivas famílias por não acompanharem o processo ensino-aprendizagem de seus filhos ou tutelados. (CRUZ, 2007, pág. 28)

Muitos pesquisadores (POLONIA & DESSEN, 2005; CHECHIA & ANDRADE, 2005; CASTRO & REGATTIERI, 2009; NOGUEIRA, 2015) e professores têm se interessado pela relação família-escola, relacionando a estes grupos sociais o sucesso e insucesso escolar, qualificando-os como “desencadeadores do processo evolutivo” (POLONIA & DESSEN, 2005, pág. 304) e principalmente apresentando a importância destes para o desenvolvimento humano dos educandos. Este capítulo tem por objetivo de debater sobre a importância da família, enquanto grupo social na escola, na atualidade, passando brevemente pela história dessas duas instituições e levando em consideração as implicações e obrigações sociais e jurídicas de cada grupo social na aprendizagem do educando.

1.1 - A família.

A família pode ser considerada a unidade social mais antiga do ser humano, a qual, historicamente, mesmo antes do homem se organizar em comunidades sedentárias, constituía-se em um grupo de pessoas relacionadas a partir de um ancestral comum ou através do matrimônio. Todos os membros da família assumiam obrigações morais entre si, sob a liderança do ancestral comum, conhecido como “patriarca”, normalmente da linhagem masculina, símbolo da unidade da entidade social, reunindo-se em uma mesma comunidade todos seus descendentes, os quais compartilhavam de uma identidade cultural e patrimonial. Essas primeiras entidades familiares, unidas por laços sanguíneos de parentesco, receberam o nome de *clãs*. (CUNHA, 2009)

Com o tempo estes clãs ficaram populosos e então as tribos surgiram, grupos maiores que uniam seus patriarcas e descendentes. A expressão latina *famulus*, de onde surge o termo família, designava os escravos domésticos que trabalhavam para as famílias latinas, local onde se encontra a Itália (Ibidem)

Na Roma Antiga este vocábulo ganha um novo sentido e um acréscimo, pois no Direito da Roma Antiga, a “família natural” era formada por um casal e seus filhos, apresentando

assim a necessidade dos laços consanguíneos. Outra mudança é a relação jurídica, o casamento. Essa concepção permaneceu ao longo dos séculos e tornou-se hegemônica no Ocidente.

No Brasil, colonizado pelo Portugal, não foi diferente, primando a ideia de família baseada tanto nos laços consanguíneos quanto na relação jurídica. Mas, será com a Constituição Federal de 1988 e o Código Civil de 2002 que se permitem e legalizam outras formações familiares como, por exemplo, apenas por laços afetivos.

Assim, a família que realiza a função de célula provém do casamento, como a que resulta da ‘união estável entre o homem e a mulher’ (art. 226, §3º), assim como a que se estabelece entre ‘qualquer dos pais e seus descendentes’, pouco importando a existência, ou não, de casamento entre os genitores (art. 226, §4º). (Constituição Federal de 1988)

Desta forma, a mudança na legislação apresenta profundos deslocamentos, ampliando o entendimento do que é uma família, abrindo-se à inclusão de diversas configurações familiares. Assim,

O direito de família no Brasil atravessa um período de efervescência. Deixa a família de ser percebida como mera instituição jurídica para assumir feição de instrumento para a promoção da personalidade humana, mais contemporânea e afinada com o tom constitucional da dignidade da pessoa humana. Não mais encerrando a família um fim em si mesma, finalmente, averba-se que ninguém nasce para constituí-la (a velha família cimentada no casamento, não raro, arranjado pelo pai que prometia a mão de sua filha, como se fosse uma simples negociação patrimonial). Ao revés, trata-se do lugar privilegiado, o ninho afetivo, onde a pessoa nasce inserta e no qual modelará e desenvolverá a sua personalidade, na busca da felicidade, verdadeiro desiderato da pessoa humana. Está é a família da nova era (NOGUEIRA, 2007, pág. 5)

Nesta produção, porém, consideramos família “no sentido de quem exerce as funções de cuidados básicos de higiene, saúde, alimentação, orientação e afeto, mesmo sem laços de consanguinidade” (CASTRO & REGATTIERI, 2009, pág. 13), levando em consideração as diversas formações familiares presentes na escola brasileira atual. Este é o primeiro grupo social com que a criança tem contato, assim iniciando sua inserção na sociedade, segundo Szymanski (apud CHECHIA & ANDRADE 2005, pág. 432). É na família que a criança reconhece as primeiras palavras, aprende a respeitar os outros e reconhece seu primeiro papel, o de filho(a). Esta família, portanto influencia no crescimento biológico, social e mental desse ser.

Nos estudos desenvolvidos a respeito do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, tem sido particularmente relevante o fenômeno da relação dos pais com o rendimento escolar dos filhos e a percepção que constroem sobre a escola. (CARVALHO, 2009)

A influência da família na escola inicia com a escolha da mesma, seja pela distância, qualidade ou até mesmo pelo espaço físico. E não termina neste momento, depois de escolher a escola a criança leva consigo o que aprendeu em sua família, desde palavras até valores. Outra influência é a visão que os responsáveis possuem sobre a instituição escola. Assim, “[...] Lippitz e Levering (2002) advertem quanto à necessidade de que família fortaleça o conhecimento e o significado de escola para a criança [...]” (apud CARVALHO, 2009). Ou seja, se como responsável não reconheço a escola como parte para a formação que o meu dependente terá, como posso cobrar do educando ou da escola bons resultados? Será preciso que a família demonstre a importância da escola em gestos e palavras durante a caminhada de seu dependente. Esses gestos podem ser concretizados através da realização das tarefas enviadas para casa, da presença dos responsáveis na escola, seja em reuniões ou festividades, do acompanhamento das notas e das atividades realizadas no caderno e do contato com o professor regente e com a direção, a fim de trocar informações gerais sobre os fatores (comportamento, dificuldade de leitura e de escrita, relação com os demais alunos e funcionários, etc.) que influenciam na aprendizagem do educando. Já as palavras surgem com as conversas, quando o responsável demonstra respeito pelo trabalho realizado na escola, por exemplo.

Fernández (2011) apresenta os “pactos de escolarização” como parte da relação família escola, onde a família “transfere autoridade e algumas das ‘tarefas’ que ‘naturalmente’ correspondiam às famílias para os especialistas, demarcando assim espaços e ações diferentes para instituições diferentes” (pág. 20). Esses “pactos de escolarização” são fundamentais, pois demarcam os espaços de atuação de cada grupo na escolarização do indivíduo. Pretendendo assim facilitar a relação entre família e escola, porque quando sabemos que “parte” nos cabe realizar dentro de um processo, evitamos invadir o espaço do outro, respeitando-o e qualificando-o como parte de um todo.

Questionar por quem e como estão sendo definidos esses “pactos de escolarização” pode ajudar a evitar algumas distorções no relacionamento entre as partes. Por exemplo, como quando a escola espera que as famílias funcionem como “professores coadjuvantes”, ou seja, insistindo “[...] no discurso de que a família tem de dar assessoria, tem de ajudar em casa, [então] como ficam aquelas famílias cujas mães não têm essa possibilidade, não têm cabedal

cultural para isso e nem disponibilidade de tempo? Então, essas crianças estariam fadadas ao insucesso escolar?” (CARVALHO, 2009)

Não! A família não é a única instituição que é responsável pela aprendizagem dos educandos e não deve tomar para si essa responsabilidade total. A família influencia no fracasso ou no sucesso escolar, pois está intimamente ligada com o desenvolvimento do educando seja social, física ou mentalmente. Mas, assim devemos refletir e compreender que cada família tem uma possibilidade de presença, porém, não se deve retirar a responsabilidade deste grupo sobre o educando e sua participação na escola. Para que os responsáveis estejam presentes e cientes de sua função na aprendizagem é necessário que a escola caminhe lado a lado com esta família, pois

Para estimular e implementar a participação dos pais de modo a fortalecer uma nova cultura de participação, deve-se estabelecer, no projeto pedagógico da escola, espaço físico e estratégias diferenciadas (Ben-Fadel, 1998). O primeiro passo para isto é a identificação eficaz do tipo de envolvimento da família com a escola [...].” (POLONIA & DESSEN, 2005, pag. 306)

Se a família estiver presente nas decisões escolares, mesmo que muitas vezes por meio de circulares ou boletins enviados por e-mail, a participação será inerente e inevitável, pois quando há o sentimento de pertencimento o cuidado e o respeito pelo local é parte da responsabilidade. “A família não é, portanto, o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento.” (Ibidem, pág. 304). É necessário que outra instituição entre em contato com esta para auxiliar esse “repertório”, descrito pelas autoras, e essa instituição é a escola.

1.2 - A escola.

Principal agência educativa na contemporaneidade, a escola exerce sobre todas as pessoas que por ela passam o poder de outorgar o certo, o valioso, o adequado, o conveniente, como também o seu reverso, com autoridade de juíza peremptória, aparentemente imparcial e desinteressada, em nome do bem comum. [...] (SANTOS & CARVALHO, 2009/2010, pág. 197)

A escola é uma das instituições que mais influência no crescimento físico e mental do ser humano, porém não é a única, como se apresentou nos tópicos acima. Esta possui algumas funções bem específicas. Para compreender isto retomemos a definição de escola citado na introdução: “Parte do sistema público de ensino que é responsável primeiro pela educação escolar.” É responsabilidade da escola a educação escolar, ou seja, o educando aprende e

vivencia diversas experiências em diversas instituições: igreja, cursos, família, amigos... Mas é na escola que este educando deve receber formação sobre os conhecimentos escolares. Em outras palavras, a escola deve ensinar o estudo das ciências naturais, compreendendo a natureza que está ao entorno com suas influências, as ciências sociais para assimilar as regras de convivência e seus diferentes papéis na sociedade, entender e saber utilizar e apreciar os diferentes campos do conhecimento que possuímos hoje, século XXI; o educando, com os conhecimentos adquiridos, deve conseguir distinguir as diferentes situações que enfrentamos em nossa sociedade para resolvê-las, fazer juízo de valores levando em conta um sistema de valores; o desenvolvimento do raciocínio da capacidade de compreender, perguntar, refletir através de exercícios e atividades lúdicas, o domínio da leitura e da escrita, ferramentas tão necessárias na sociedade onde vivemos; e, por fim e não menos importante o respeito ao próximo, o respeito às diversas culturas, línguas, movimentos, religiões, etc., que são necessárias à vida em sociedade.

Grande parte desta definição não apresenta relação de responsabilidade direta com a família. Assim entende-se que a família deve estar na escola, mas possui uma parte menor de responsabilidade nesta instituição. Porém, muitas vezes damos a responsabilidade da aprendizagem totalmente para a família que não possui nem bases nem a responsabilidade de produzir o conhecimento escolar, como vimos acima. Não se defende neste texto que a família não é necessária ou deve participar só quando chamada à escola, mas que possui outras responsabilidades, com os mesmos objetivos, diferentes da escola.

Antes das responsabilidades descritas acima, a escola deve ver este educando em sua totalidade, pois “no mundo familiar as crianças são filhos; no mundo escolar elas são alunos. A passagem de filho a aluno não é uma operação automática e, dependendo da distância entre o universo familiar e o escolar, ela pode ser traumática” (CASTRO & REGATTIERI, 2009, pág. 14). A relação da escola com esse educando deve favorecer a aprendizagem. Os autores chamam a atenção para o planejamento que é o início da prática do professor, apresentando que:

O planejamento educacional que leve em conta a realidade dos alunos e a participação dos representantes de cada instância do sistema público de ensino na articulação e manutenção da rede de proteção social às crianças e adolescentes deve ser objeto de profunda reflexão e tomada de posição ao pensarmos nas políticas e práticas de interação com a família de todos os alunos (Ibidem, pág. 7).

Então antes de pensar nas funções da família do educando, a escola deve ter em mente, quem é essa criança? De onde vem? O que sabe? Como é essa família? Para, a partir disso,

refletir o que essa família faz para influenciar na aprendizagem e o que a escola deve fazer para, de forma positiva, facilitar a aprendizagem do educando em função das finalidades e orientações das políticas educacionais vigentes.

1.3 - Problematizando a relação Família-Escola.

Neste momento será utilizado como base para reflexão o artigo “Crianças e escolas na passagem do Império para a República” da autora Alessandra F. Martinez de Schueler, onde ela traz a relação da criança com a escola para entendermos um pouco mais sobre a relação de família, pois esta criança se insere em um contexto familiar e social.

A relação hoje evidente entre crianças e escolas, como qualquer relação existente na sociedade, não é natural. A afirmação da educação das crianças, primeiramente como um valor e, posteriormente, como uma necessidade e um direito, é fruto de um longo processo histórico, repleto de idas e vindas, rupturas e permanências, vitórias e derrotas. (SCHUELER, 1999, pág. 2)

Já observamos nos tópicos anteriores um pouco sobre cada instituição, mas ainda não observamos mais a fundo, dentro do desenrolar da história, a relação direta da família com a escola. Essa história pode ajudar a compreender o porquê para algumas famílias a escola ainda parece uma instituição estranha ou alheia, dada sua origem social ou mesmo geográfica (por exemplo, a escolarização no campo diferiu muito da escolarização urbana, sobretudo, em regiões onde temos sistemas semiescravistas até a atualidade). Parte dessa concepção, em alguns grupos sociais, de que a escola “não é para eles” ou “é um favor que o Estado está lhes oferecendo”, em lugar de entender a educação como um *direito de e para todos*, tem fortes raízes históricas.

Assim, a educação brasileira configurou-se com uma proposta altamente excludente. Podemos começar destacando que, no Império, por meio do Regulamento da Instituição Primária e Secundária no Município da Corte (lei 1331 A, 17/02/1854), apenas algumas crianças poderiam participar das escolas públicas, se fossem livres, vacinadas, não portadoras de doenças contagiosas, que estivesse dentro da faixa etária exigida (de 05 a 14 anos) e fossem do sexo masculino (as meninas que eram da nobreza possuíam escolas específicas para mulheres onde aprendiam a ser “donas de casa”, posteriormente a docência passou a ser cargo feminino). Essas determinações diminuía bastante a população pobre dentro da escola pública, pois muitas dessas crianças trabalhavam para ajudar suas famílias e outras se encontravam impedidos por um destes motivos citados acima. Aqueles que entravam, pois o

império obrigava aos responsáveis dando multas para as famílias que não cumprissem com a exigência, tinham baixos índices de frequência, faltavam muito. Com isso podemos perceber que, no Império, ter um filho na escola não era a realidade da época. Ainda neste momento da história, a educação foi utilizada como instrumento civilizatório, pois era determinado que estes cursassem o ensino primário e após o término seriam enviados aos Arsenais de Marinha e de Guerra, ou às oficinas particulares, mediante contrato com o Estado, para a aprendizagem de ofícios, que lhes garantissem o sustento e o trabalho, assim conservando a ordem imperial e diminuindo as condições de miséria e criminalidade, segundo Schueler (Ibidem).

As famílias nobres, porém, já possuíam a ideia de que a educação, além de instrumento civilizador para os pobres, oferecia uma forma de melhora ou continuidade no status social; já os nobres, através de estudos, assumiam os cargos de chefia e/ou de importância política.

Como pudemos perceber, desde pelo menos a segunda metade do século passado, o Estado manifestava a intenção de promover a educação e, desse modo, interferir no cotidiano das famílias populares. Educar, no sentido de difundir valores morais e comportamentos, instruindo por meio da alfabetização e do ensino de ofícios artesanais ou agrícolas, seriam ações fundamentais para um Estado que necessitava manter hierarquias e distinções sociais em uma sociedade que implodia, tanto do ponto de vista de sua base - fim da escravidão - quanto em relação à grande complexidade social. (Ibidem, pág. 13)

Mesmo estando na Constituição do Império do Brasil, datada de 1824, a exigência da educação primária como gratuita a todos os cidadãos, foi um pouco antes da República que começa haver mudanças mais radicais sobre o pensamento dos profissionais da escola em relação ao aluno, que se tornou objeto de estudo, e das famílias populares em relação à escola, passaram a ver a escola como importante e reforçando a necessidade de frequentá-la.

Foi como parte da propaganda do método mútuo que, em 1825, o jornal mineiro O Universal pôs em circulação a seguinte preocupação: “O problema, pois, que há de resolver é: como se poderá generalizar uma boa educação elementar, sem grandes despesas do Governo, e sem que tire as classes trabalhadoras o tempo, que é necessário que empreguem nos diferentes ramos de suas respectivas ocupações?” (O Universal, 18 de julho de 1825). Essa preocupação, que se refere ao tempo e à sua utilização, escolar ou não, não era apanágio das elites mineiras nas primeiras décadas dos oitocentos. Estava no cerne mesmo da modernidade, e não poderia deixar de ser um aspecto central no interior dos processos de escolarização. A discussão voltava-se, por um lado, para a relação entre a escola e outras instituições ou ocupações sociais (família, trabalho...), pretendendo fazer com que os responsáveis, sobretudo, tomassem consciência da importância da escola e fizessem com que seus (suas) filhos(as) a frequentassem regularmente. (FILHO & VIDAL, 2000, pág.: 22)

O ensino mútuo foi o primeiro método de ensino utilizado no Brasil, com duração aproximada de 40 anos, tinha o objetivo de instruir até 1000 alunos utilizando um professor e monitores, que seriam os próprios alunos. O inglês Joseph Lancaster amparou seu método no ensino oral da repetição e memorização, mas perdia forças sendo substituído pelo ensino simultâneo - método sistematizado por São João Batista de La Salle, que pretende atender um grupo de alunos menor do que no método mútuo – que entrava como uma solução para a falência gerada pelo primeiro. Com essa substituição e com a percepção da situação precária dos espaços de educação começou a pensar-se sobre a necessidade de locais, edifícios próprios, para a educação. Segundo os autores Filho e Vidal (Ibidem) esses espaços foram importantes para acolher o ensino seriado, pois permitiam “o respeito aos ditames higiênicos do fim do século XIX, facilitar a inspeção escolar, favorecer a introdução do método intuitivo e disseminar a ideologia republicana, novos tempos escolares também se impunham” (pág. 25). Tinham a intensão de legitimar a importância da educação.

Neste ritmo de mudanças o tempo de estudo dentro da escola foi estipulado em aproximadamente 4 horas, os conteúdos foram distribuídos ao longo do dia escolar, as pausas definidas com suas respectivas atividades (durante as pausas de 10 min os alunos marchavam e cantavam), criados quadros de horários pelos “Programas de Instrução” e o recreio com duração de 30 min. E para manter essa organização funcionando foram utilizadas, a partir de 1906, campainhas elétricas ou sinetas.

O horário considerado ideal pelo próprio regulamento, [...] era o de 10 às 14 ou 15h no inverno e de 9 às 14h no verão. Conforme costume da época, as crianças almoçavam antes de ir para a escola. A polêmica em torno do horário das aulas tomou grande vulto, especialmente na primeira década do século XX, em São Paulo e Minas Gerais, quando a demanda por vagas obrigou as diretoras ou a Secretaria a propor ou determinar o funcionamento dos grupos escolares em dois turnos: de 7 às 11 e de 12 às 16 horas. (Ibidem, pág. 26)

Em torno dessa problemática do horário, famílias e diretores não concordavam com as mudanças. Nessa época, além da questão do almoço, as crianças possuíam atividades em casa, as quais deveriam cumprir antes de irem para a escola. As diretoras afirmavam que, se a frequência estava baixa antes, com essa medida seria praticamente “fantasiosa”, ou seja, abririam dois turnos para crianças que não iriam à escola. Podemos perceber a família ainda não justificando a escola como necessária para suas crianças, pois os afazeres domésticos eram superiores em importância.

Ainda no século XX, nas décadas de 20 e 30, novos modelos de educação surgiram inspiradas em “diretrizes gerais sobre a educação no Brasil, emanadas de um órgão central, o Ministério da Educação e Saúde, tendiam a homogeneizar conteúdos, métodos, tempos e espaços escolares” (Ibidem, pág.28) ou em ideais escolanovistas. O movimento em defesa da democratização da escola pública afirmava-se com os Pioneiros da Educação Pública, mas, apesar de todos os avanços, em especial a partir da década de 1930, muitas crianças em idade escolar (7 a 12 anos) ainda estavam fora da escola, principalmente no campo, onde praticamente não se tinha acesso à educação.

Posteriormente, entre 1948 e 1949, 1.216 escolas foram construídas, construções simples que anexavam uma casa de dois quartos para o professor. A escola primária ocorria durante 5 horas diárias e tinha a duração de 5 anos, isso só mudou a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 5.692/1971, que estipulou a duração de oito anos para o ensino fundamental, 1º grau. Porém, “os significados desse espaço e desse tempo escolares ainda são objeto de luta” (Ibidem, pág. 32).

Com dados referentes ao início dos anos de 1970, publicado originalmente em 1984, decorridos mais de vinte anos, a tese central desse trabalho mantém-se essencialmente correta. Nesse período, [nos último 80 anos] intensificou-se a ampliação das oportunidades de escolarização para a população, praticamente se universalizou o acesso e a permanência no ensino fundamental e ampliaram-se significativamente os índices de conclusão. Segundo o Censo Escolar do INEP, em 2002, 2,78 milhões de estudantes concluíram a oitava série, o que representa aproximadamente 80% da população na coorte etária. (OLIVEIRA, 2007, pág.: 667)

A Constituição Federal de 1988 confirmou e afirmou a importância de uma formação escolar de qualidade, obrigatória e para todos. Também estipulou que os municípios organizassem sistemas próprios de ensino com regulamentação estabelecida pela LDB/1996. No entanto, à luz da história da educação brasileira, vimos que nem sempre os argumentos em favor da qualidade escolar estão claros para todos. O pouco que apresentamos do contato escola-família na história é o primeiro ponto para se pensar hoje sobre essa relação, tentando explicitar e afirmar o porquê ela deve existir, depois refletir com que objetivo e, por fim, como essa relação se dá.

- Por quê?

Já apresentamos diversas vezes neste texto que a escola e a família são instituições que influenciam no crescimento do ser humano. Isso significa que cada uma com seu papel e

função gera valores, conhecimento, cultura, e outras diversas dimensões tão importantes para o crescimento de cada ser humano em sociedade, psicológico e físico.

Porém por que elas devem se relacionar? Cada uma poderia desenvolver “seu lado” e mesmo assim teríamos a presença das duas e nos desenvolveríamos. Entretanto, se estivéssemos tratando de outro ser que não fosse o homem, talvez funcionasse. O homem é um ser que desenvolve suas capacidades afetiva e intelectual juntas, isso torna impossível adquirir novos conhecimentos sem vontade ou uma disposição para tal, por exemplo. Almeida em sua tese afirma que: “Não há ato de ensinar-aprender sem a mediação concreta de *sujeitos humanos*, não havendo, portanto, relação ensino-aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo” (ALMEIDA, 1993, pág.:31).

Diante disso percebemos que uma influência na outra, a afetividade na inteligência e a inteligência na afetividade. Mas o que isso tem a ver com essa relação? Se a afetividade está relacionada à inteligência, como o aluno poderia separar sua vida em momentos na escola e momentos na família? A afetividade que ele possui com a escola não perpassa pela afetividade que ele tem pela família? O que se aprende não tem influência e é influenciado pelo que ele já sabia? A família é a primeira instituição em que o ser humano se insere, lá ele não aprende nada? Bom essas perguntas nos ajudam a perceber que o conhecimento vem, se transforma e retorna com o educando, esta transformação acontece em grande parte na escola, porém muitas vezes não inicia. Pode se citar, como exemplo, aprender a falar, iniciamos na família e na escola desenvolvemos esse conhecimento, seja com palavras novas ou adquirindo habilidades que são influenciadas por esta primeira ou pela aprendizagem de ler e escrever. Então podemos pensar, se a família não prioriza uma boa relação com a escola, em nível afetivo com as pessoas e em nível pedagógico com o conhecimento estruturado, como esse educando pode se sentir acolhido e ter vontade de aprender? Se este recebe influência direta desta relação. Como este filho pode aceitar o que ocorre dentro da escola, regras e aquisição de conhecimento, se seus responsáveis só vão até a escola para ouvir reclamações ou para estarem cientes de novas regras? Então, se para aprender deve haver vontade e se envolve a afetividade “é importante ter em mente que, em todos os tipos de envolvimento família-escola, a qualidade dos relacionamentos é mais importante que a quantidade” (LAUREAU, 1997 apud POLONIA E DESSEN, 2005, pág. 308)

Então essa relação agradável e respeitosa tornasse importante, pois trata do desenvolvimento de um mesmo ser, que não dissocia momentos e, sim, agrega e associa conhecimentos para seu desenvolvimento integral.

- Com que objetivo?

Não se tem o objetivo de medir forças ou identificar quem é mais importante, por isso não tem importância. Tratamos, pois, de um mesmo ser e o objetivo é que este indivíduo se desenvolva integralmente cumprindo seus papéis, em e na sociedade, de forma a continuar adquirindo conhecimento e independência.

A escola deve cumprir com seu papel integral e dar espaço para que a família cumpra o dela. A família por sua vez não deve dar à escola o seu papel por falta de tempo e, sim, cumpri-lo de forma a permitir e compreender o papel cabível à escola. Os papéis são somados e não subtraídos.

- Como se dá?

Quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. Assim, responsáveis e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda mútua (LEITE & TASSONI, 2002 apud POLONIA & DESSEN, 2005, pag. 304).

Depois de sabermos o porquê e qual o objetivo podemos partir para como essa relação pode acontecer.

Se a família se apropriar dos acontecimentos da escola, participar da construção de regras, dos projetos e das reuniões, estará ciente e cumprirá seu papel. Não é função desta trabalhar como “explicadoras”, que tem a função de completar e explicar o que não foi adquirido em classe. Isso não significa que os responsáveis não acompanharão o ensino de seus filhos, através de trabalhos de casa e das provas, pois é parte do dever da família acompanhar o ensino.

A escola por sua vez deve facilitar e incentivar a participação dessas famílias no ambiente escolar, levando em consideração a possibilidade e o tempo que cada família possui. As decisões devem envolver as famílias, pois elas também são responsáveis pelos educandos, não se esquecendo do seu papel principal, que é ser “responsável primário pela educação escolar”, sem deixar de lado a história que envolve seus educandos.

Mais uma vez podemos ver no texto “Interação escola-família: subsídios para práticas escolares”, citação abaixo, que isso se deve ao planejamento educacional de uma escola.

O presente estudo, realizado pela UNESCO, em parceria com o Ministério da Educação, elege como prioridade, dentre tantas funções

importantes que a aproximação das escolas e das famílias pode ter, a recuperação da singularidade do aluno visto no seu contexto mais amplo. Percebeu-se por meio da análise de experiências concretas identificadas juntamente com a leitura de um conjunto expressivo de pesquisas e ensaios sobre o tema, produzidas no Brasil, que, quando a escola melhora seu conhecimento e compreensão sobre os alunos, sua capacidade de comunicação e adequação das estratégias didáticas aumenta e, em consequência, aumentam as chances de um trabalho escolar bem-sucedido. Nesse sentido, a conquista da tão desejada participação das famílias na vida escolar dos alunos deve ser vista como parte constituinte do trabalho de planejamento educacional. (CASTRO& REGATTIERI, 2009, pág. 7)

Capítulo II - A escola de fora para dentro...

Neste capítulo conheceremos a escola estudada através de um olhar geral, levando em consideração a localização e sua comunidade, a estrutura, as atividades realizadas, o corpo de docentes e a estrutura pedagógica. Também se apresenta o projeto político pedagógico da escola em questão.

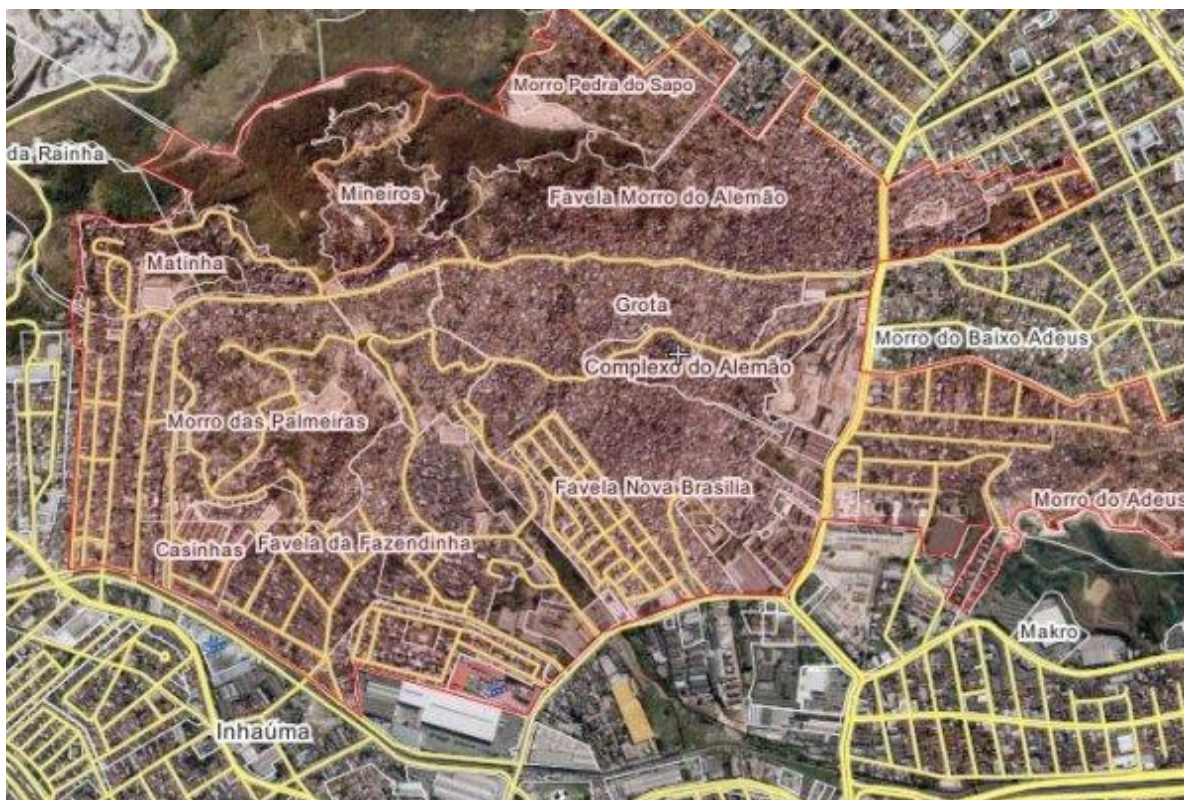
2.1 - Localização da escola na rede escolar e no espaço urbano.

A escola fica localizada em espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, conhecida como Complexo do Alemão, próximo a uma zona comercial, conhecida como Nova Brasília. O complexo recebeu esse nome porque na década de 1920 o imigrante polonês Leonard Kaczmarkiewicz adquiriu terras na Serra da Misericórdia, que era, então, uma região rural da Zona da Leopoldina. Este ficou conhecido como alemão e as terras que a ele pertenciam como Morro do Alemão. Em dezembro de 1951 Leonard dividiu e vendeu os lotes de seu terreno e a partir disto a ocupação foi desenfreada, no Morro do Alemão. Durante o governo de Leonel Brizola, 15 de março de 1983 até 15 de março de 1987, com o crescimento de indústrias na região intensificou-se o crescimento populacional nos morros adjacentes que passaram a fazer parte do Complexo do Alemão.

Com as migrações que se intensificam com a interligação do espaço brasileiro, sobretudo após a abertura da Rodovia Rio-Bahia nos anos 1930, uma vaga de migrantes nordestinos veio se juntar aos pobres urbanos “quase todos pretos” que por aqui já existiam. O preconceito de classe é, sempre, culturalmente moldado e o preconceito racial se recobriu como preconceito aos “Paraíba”, aos “cabeças chatas”, aos “paus-de-arara”.

Os nordestinos inventaram seus espaços de resistência e afirmação identitária tanto no interior das comunidades com suas complexas redes de parentesco e ajuda mútua, como na grande feira de São Cristóvão. (PORTO-GONÇALVES & SILVA, 2011, pág.328)

O conjunto de morros ocupados desordenadamente se tornou o Complexo do Alemão onde se encontram as comunidades: Morro da Baiana, Morro do Alemão, Alvorada, Nova Brasília, Pedra do Sapo, Palmeiras, Fazendinha, Grotta, Matinha, Morro dos Mineiros, Vila Cruzeiro, Casinhas e Morro do Adeus. É oficialmente uma unidade administrativa, mas devido a sua enorme extensão, os limites da área e das favelas pertencentes aos morros se misturam com outros bairros da Zona Norte, como Ramos, Higienópolis, Olaria, Penha, Inhaúma e Bonsucesso, fazendo com que esses bairros façam parte do Complexo.



Devido ao crescimento desordenado da área há uma grande deficiência de saneamento básico, de coleta regular de lixo, de ruas asfaltadas. Enfim de todas as condições necessárias para se viver com o mínimo de dignidade. Isso mostra a ausência do Poder Público. Pela ausência desse poder tornou-se o quartel general da maior facção criminosa do Rio de Janeiro, Comando Vermelho. Sem contar com que a média da renda per capita é de apenas R\$177,31 (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)

É importante lembrar que além da população inicial, negros libertos e trabalhadores das indústrias locais, muitos nordestinos vindos em busca de melhores condições de vida e de trabalho viram-se obrigados a se instalar nos morros por não alcançarem seus objetivos.

Nesse complexo de relações sociais, culturais e políticas geograficamente configuradas, um poder de fato se faz presente nessas comunidades de periferias urbanas, agora instado pelas oportunidades de negócios abertas pelo mercado das drogas e pelo mercado das armas ampliado com o processo de globalização que, assim, se mostra localmente perverso, sobretudo para a maior parte dessas populações pobres controladas pelo poder de fato e que envolve as instituições policiais e o crime de modo sistêmico. [...] A magnitude do mercado de drogas e do mercado de armas atingiu proporções imensas com a desregulamentação financeira, inclusive com seus paraísos fiscais. (Ibidem, pág.336/337)

Isso favoreceu o crescimento da violência neste espaço, levando a uma operação da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro com o apoio da Marinha do Brasil, em 2010 para tomar o controle da área. Dessa operação participaram também a Polícia Federal, a Polícia

Civil e as outras Forças Armadas. Após esta operação o Complexo passou por uma fase de “reestruturação”, algumas ruas foram asfaltadas e algumas empresas voltaram a prestar serviços à comunidade, como a COMLURB (empresa municipal de coleta de lixo) e os Correios. Também chegaram serviços como de internet, TV a cabo e agências bancárias diversas. Os morros e favelas também passaram pelo Programa de Aceleração do Crescimento - um programa Federal que engloba um conjunto de políticas econômicas, e que tem como objetivo acelerar o crescimento econômico do Brasil, sendo uma de suas prioridades o investimento em infraestrutura, como: saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos, entre outros².

Mesmo assim, ainda existe uma grande concentração de pessoas sem infraestrutura no que diz respeito a moradia, saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos, entre outros. Os rios continuam poluídos e a vegetação também se encontra devastada, pois foram construídas muitas casas de forma irregular e, conseqüentemente, o risco de desmoronamento aumentou com a falta de proteção do solo. Apesar de oficialmente ter diminuído a violência, os moradores do Complexo continuam sofrendo constantemente com casos de balas perdidas, causando a morte de inocentes; violência doméstica e sexual contra crianças e mulheres; submissão às leis do tráfico, ainda existente; escolas fechadas em dias de conflitos etc. Todos esses acontecimentos são vivenciados e levados para a escola através dos alunos e responsáveis e a escola sente “na pele” os reflexos dessa violência.

Pelo fato da escola estudada estar localizada no Complexo do Alemão o seu entorno também recebeu as obras do PAC, foram construídos alguns condomínios residenciais, um cinema - mantido pelo governo que é utilizado, também, por outras comunidades do mesmo complexo -, UPPs (Unidades de Polícia de Pacificadora) e UPAs (Unidades de Pronto Atendimento), Clínicas da Família e a Praça do Conhecimento – centro de informática.

2.2 - Levantamento dos aspectos socioeconômicos e culturais através de alguns indicadores.

A maioria dos alunos matriculados na escola estudada mora em Bonsucesso, próximos a ela. Há um pequeno grupo que reside nos morros do Complexo do Alemão que pertencem aos outros bairros: Ramos, Inhaúma, Penha, e Olaria. Estes últimos não serão utilizados em todas as tabelas, pois representam um percentual pequeno de estudantes.

² <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac#>

Apesar de Higienópolis fazer parte do grupo de bairros pertencentes ou Complexo do Alemão, não há na escola alunos deste bairro.

A compreensão dos fenômenos demográficos, tanto em seus aspectos estáticos como dinâmicos, tem uma importância crucial na investigação das características educacionais de uma população. Entre as características demográficas que têm impacto no setor educacional, a estrutura etária é aquela cujos efeitos são mais visíveis, por estarem diretamente ligados à demanda por ensino, em seus diversos níveis. Nas últimas décadas, as populações de países desenvolvidos e mesmo em desenvolvimento têm passado por importantes mudanças, não apenas no que diz respeito ao volume populacional, mas, sobretudo, em sua estrutura etária, fruto de um processo de redução em seus níveis de fecundidade e mortalidade que denominamos de transição demográfica. Tais mudanças têm certamente um forte impacto na demanda por serviços educacionais e precisam ser consideradas de forma prioritária na elaboração de políticas públicas voltadas para o setor. (GIVISIEZ & CERQUEIRA, 2004, pág.16)

Tabela 1 - Densidade Demográfica

Bairro (2010)	Total da População (2010)	Área (2003)	Densidade Demográfica
Bonsucesso	18.711	219,97 ha	85 por ha
Ramos	40.792	279,35 ha	146 Por ha
Inhaúma	45.698	348,53 ha	131, 1 por ha
Penha	78.678	581,13 ha	135,3 por ha
Olaria	57.514	368,98 ha	155,8 por ha
Complexo do Alemão	69.143	296,09 ha	233,5 por ha
Cidade do Rio de Janeiro	6.305.279	122.456,01ha	51,4 por ha

Bairros cariocas – portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_cidade.htm

Dentre as unidades administrativas pesquisadas, de onde são oriundos os alunos da escola, Bonsucesso, onde a escola se localiza, é o de menor densidade demográfica, pois é um bairro comercial. É importante ressaltar que os alunos de Bonsucesso são os que moram no entorno da escola. Os dos outros bairros moram nos morros que ficam no Complexo do Alemão, esta unidade, porém é a maior densidade geográfica. Isso acontece porque os alunos são matriculados na escola mais próxima de sua casa.

O IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - é um índice composto por três indicadores de desenvolvimento humano: Longevidade - Vida longa e saudável;

Educação - Acesso ao conhecimento; e Renda - Padrão de vida. Este índice pode variar de 0 a igual ou acima de 0,800. Sendo: baixo - Entre 0 e 0,499; médio - De 0,500 a 0,799; e elevado - Igual ou acima de 0,800.

Tabela 2 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) - 2013

Unidade Administrativa	Renda per capita (em R\$ de 2000)	Índice de Longevidade	Índice de Educação	Índice de Renda	Índice de Desenvolvimento Humano
Gávea	2139,56	0,924	0,987	1,000	0,970
Bonsucesso	552,99	0,828	0,928	0,827	0,861
Complexo do Alemão	177,31	0,663	0,834	0,637	0,711

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Comparado o IDH das unidades citadas, na tabela 2, o do Município do Rio de Janeiro (0,719) podemos perceber a variedade de Índices que possuímos, uns bairros com IDH alto e outros com IDH baixo. Isto confirma a desigualdade social existente no Município. Também podemos perceber como os bairros em que mora a população que a escola atende têm o IDH muito baixo.

Como se demonstra nos dados apresentados, os indicadores sociais evidenciam uma população com dificuldades econômicas e sociais diversas. Essa é a população atendida pela escola estudada.

2.3 - Levantamento das características de atendimento.

Mesmo sendo uma das maiores escolas municipais, a escola estudada não possui vagas para todas as crianças que residem nas redondezas. Assim, algumas precisam estudar mais distante de suas casas. Já as escolas particulares estão em menor número, acredito que isso

aconteça por causa do nível econômico da população, por isso, as mais próximas são nos bairros vizinhos.

A escola também oferece mobilidade vertical. Esta está dividida em três grupos: pré-escola, classes de alfabetização e primário carioca (atende as turmas de 1º ao 6º ano, ainda considerados fundamental 1). Em relação às outras escolas do local, atende mais alunos, algumas turmas inclusive tem seu número máximo ultrapassado e mesmo assim muitos responsáveis aparecem procurando vaga.

Os alunos estão organizados de forma que os maiores, do 2º ano até 6º ano, fiquem no terceiro andar, e os menores fiquem no segundo, da pré-escola até o 1º ano. Os alunos do 2º ano adiante possuem a liberdade de entrar e sair pelo andar da pré-escola, mas não há necessidade de passar por ele, pois a escola possuiu várias saídas/entradas. A coordenação informou que há essa divisão para a organização das turmas e por causa do nível de desenvolvimento. Os que terminam o 6º ano são encaminhados para as escolas mais próximas, porém são os responsáveis que devem realizar as matrículas nessas novas escolas.

2.4 - Levantamento dos resultados da escola

- Resultados Internos

O boletim é único para toda a cidade do Rio de Janeiro, produzido pelo SGA- Sistema de Gestão Acadêmica – as notas que vão para o boletim são as médias que os alunos tiram nas provas da SME – Secretaria Municipal de Educação – a cada bimestre. A frequência e o conceito global também são bimestrais. O conceito global considera outras competências observadas pelo professor que vão além daquelas mensuradas nas provas da SME. O ano escolar é dividido em quatro bimestres. Sendo que os alunos que não conseguem nota e conceito suficientes para a aprovação até o quarto bimestre têm direito a um período de recuperação que ocorre no mês de dezembro e a participar do quinto bimestre fazendo mais uma avaliação.

“A avaliação escolar é regida pela Resolução SME nº 1123, de 27/05/2010. Conceitos: MB – Muito Bom; B – Bom; R – Regular; I – Insuficiente. Frequência mínima anual para a aprovação: 75%”. (Boletim Escolar Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro Secretaria Municipal de Educação)

Tabela 3 - Relatório de Avaliação de Desempenho Escolar 2015 – Total Geral da Escola

Período	Matricula	Reprovados (conceito I)
1º ano	149 alunos	10 alunos
2º ano	116 alunos	9 alunos
3º ano	125 alunos	17 alunos
4º ano	135 alunos	5 alunos
5º ano	94 alunos	3 alunos
Total:	619 alunos	44 alunos

Fonte: SGA – Sistema de Gestão Acadêmica da Escola Municipal estudada

A escola teve 3 alunos reprovados por faltas. Esta passou a realizar um trabalho juntamente com a mãe representante do CEC em relação à conscientização dos responsáveis sobre a frequência dos alunos, sendo esta mais uma forma de buscar influenciar este índice.

Dos 990 alunos da escola saíram 30 no ano de 2015, isso corresponde a 3,1%. Sendo 19 por transferência para outras escolas e, para outras redes, 2% dos alunos. 11 alunos foram excluídos por abandono, 1,2%, não sabendo a instituição ou destino dos mesmos.

- Avaliações em larga escala.

Em relação aos resultados oficiais decorrentes da Prova Brasil, prova censitária aplicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para aferir proficiência em Leitura e Compreensão de Textos e Matemática dos estudantes de 5º e 9º anos em todo o Brasil, frisamos que no site QEd³, para o 5º ano da escola estudada eles datam a partir de 2013. Isto acontece porque em 2012 a escola foi reinaugurada e recebeu os 4º, 5º e 6º anos experimentais, classes especiais e turmas de projeto de correção de fluxo, projeto no qual ~~wosw2244~~ alunos atrasados são retirados das turmas regulares e colocados em turmas especiais para tentar diminuir a defasagem.

Como base nas informações “Aprendizado dos alunos do 5º e 9º anos em matemática e português” fornecidos no site do QEd, será apresentada a proporção dos alunos que tiveram o aprendizado adequado⁴ na competência de Leitura e Interpretação de Textos e de Matemática da Escola Municipal estudada.

³ <http://www.qedu.org.br/>

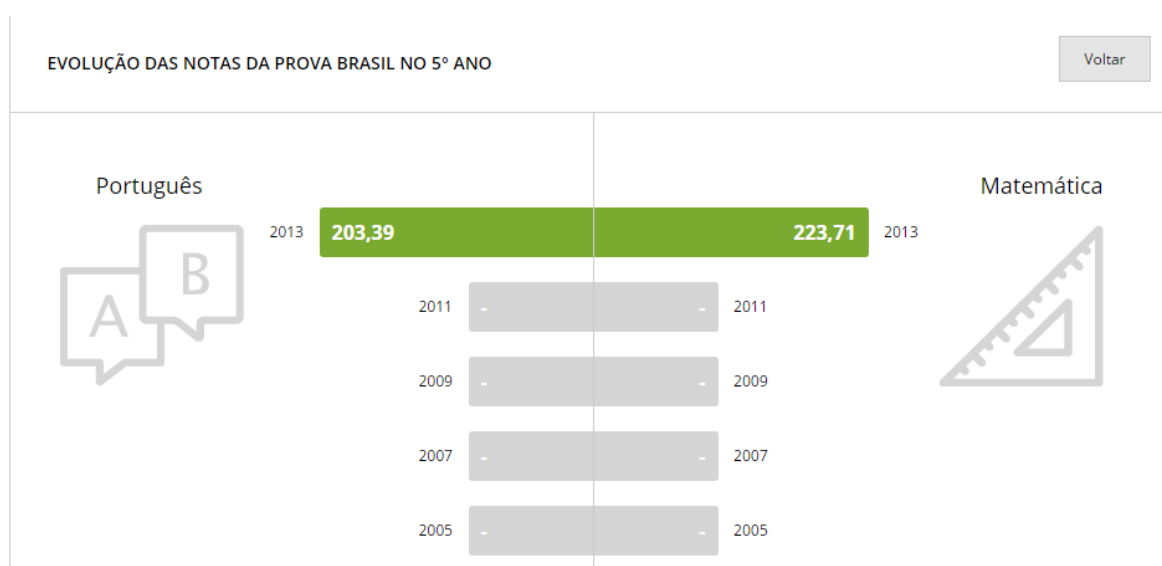
⁴ Cabe destacar que, “de acordo com o número de pontos obtidos na Prova Brasil, os alunos são distribuídos em 4 níveis em uma escala de proficiência: Insuficiente, Básico, Proficiente e Avançado. No QEd, considera-se que alunos com aprendizado adequado são aqueles que estão nos **níveis proficiente e avançado**” (site QEd – <http://qedu.org.br>)

Tabela 4 - Distribuição dos pontos nos níveis qualitativos

Língua Portuguesa – 5º Ano	Matemática – 5º Ano
Insuficiente: 0 a 149 pontos	Insuficiente: 0 a 174 pontos
Básico: 150 a 199 pontos	Básico: 175 a 224 pontos
Proficiente: 200 a 249 pontos	Proficiente: 225 a 274 pontos
Avançado: Igual ou maior que 250 pontos	Avançado: Igual ou maior que 275 pontos

<http://www.qedu.org.br/escola/175169-0312037->

Gráfico 1 - Médias de proficiência obtidas pela escola estudada.



<http://www.qedu.org.br/escola/175169-0312037>

Tabela 5 - Resultado da Prova Brasil 2013 – 5º ano da Escola Municipal estudada conforme níveis qualitativos.

Competências	Alunos com aprendizado insuficiente	Alunos com aprendizado básico	Alunos com o aprendizado proficiente	Alunos com o aprendizado avançado
Leitura e interpretação	23 (15%)	49 (33%)	44 (29%)	34 (23%)
Matemática	25 (17%)	56 (37%)	48 (32%)	21 (14%)

<http://www.qedu.org.br/escola/175169-0312037->

De acordo com as tabelas 4 e 5 e o gráfico 1 podemos observar que mais da metade dos alunos da escola estudada está nos níveis proficiente e avançado em Leitura e Interpretação de Textos (52%), e em Matemática quase a metade (46%).

Tabela 6 - Comparando os resultados – 1º Tabela

Competência	Escola Municipal estudada	Aprendizado no Brasil	Aprendizado no Estado do Rio de Janeiro
Português	52%	38%	44%
Matemática	46%	32%	37%

<http://www.qedu.org.br/escola/175169-0312037->

Como se evidencia na tabela anterior, os resultados da escola estudada na Prova Brasil estão acima dos percentuais correspondentes ao Brasil e ao Estado do Rio de Janeiro.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da escola em 2013 foi de 5,3. Porém, não atingiu a meta do IDERIO⁵ que era de 5,4. Essa meta foi decidida a partir da Prova Rio, onde a média foi 5,4, pois a primeira Prova Brasil foi no ano de 2013, sendo este o primeiro ano em que a escola participou do Ideb. Este índice funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos e é calculado com base no indicador de aprendizagem dos alunos em Português e Matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação), que multiplicados indicam o Ideb da escola. (QEDu)

Na escola estudada, o indicador de aprendizado foi de 5,93, conforme cálculo com base nas médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Já o indicador de fluxo é de 0,89, isso significa que a cada 100 alunos, 11 não foram aprovados. Para encontrar esse fluxo são considerados os índices de aprovação, reprovação e abandono da escola.

Gráfico 2 - Taxas de Rendimento (2014)

Etapa Escolar	Reprovação	Abandono	Aprovação
Anos Iniciais	15,3%	1,1%	83,7%

⁵ O IDERIO é um indicador similar ao IDEB, administrado nos anos pares pela Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro. Assim: “O resultado do IDERIO é composto pela nota da Prova Rio e o índice de frequência e evasão das unidades escolares. A Prova Rio, criada em 2009, é uma avaliação externa com testes de português e matemática, aplicados aos alunos do 3º, 6º, 7º e 8º anos”. (<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5468174>)

104 reprovações

8 abandonos

570 aprovações

Tabela 7 - Detalhamento por Ano Escolar

Anos Iniciais	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EF	4,2% 5 reprovações	0,0% Nenhum abandono	95,8% 114 aprovações
2º ano EF	7,8% 8 reprovações	1,1% 2 abandonos	91,1% 83 aprovações
3º ano EF	20,0% 36 reprovações	2,3% 5 abandonos	77,7% 138 aprovações
4º ano EF	22,8% 27 reprovações	1,8% 3 abandonos	75,4% 89 aprovações
5º ano EF	16,7% 30 reprovações	0,0% Nenhum abandono	83,3% 147 aprovações

Fonte: Censo Escolar 2014, Inep. Organizado por Meritt. Classificação não oficial.

Uma das consequências mais nefastas das elevadas taxas de repetência manifesta-se nitidamente nas acentuadas taxas de distorção série/idade, em todas as séries do ensino fundamental.

(PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - INTRODUÇÃO AOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, pág. 22)

Tabela 8 - Distorção Idade-Série no ano de 2014

Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Porcentagem	3%	3%	33%	29%	26%

<http://www.qedu.org.br/escola/175169-0312037->

Neste ano a distorção idade-série na escola estudada foi de 21%, ou seja, a cada 100 alunos aproximadamente 21 estavam com 2 anos ou mais de atraso escolar. Vale destacar que a taxa de Distorção Idade-Série da escola pesquisada teve um aumento significativo de 15%, no período de 2007 até 2011. No ano de 2012 o aumento foi de 4%, ficando em 19%, porém neste ano, além de ter mudado a direção, a escola também recebeu uma turma de projeto – 3º Ano “Nenhuma Criança a Menos”. Nos anos seguintes esta defasagem aumentou para 21%,

mas se estabilizou. Em 2013, continuou com uma turma de 4º Ano “Nenhuma Criança a Menos” e duas turmas de Realização 1, em 2014 com duas turmas Aceleração 1.

2.5 - Levantamento dos aspectos construtivos, dimensionais e de uso do prédio escolar.

A escola possui alguns espaços diferentes, porém que não são utilizados por falta de estrutura ou por obras mal feitas. Por exemplo: a sala de informática, até o ano passado, era utilizada pela manhã, pois neste turno tinha um estagiário de informática que oferecia aulas para as crianças. Atualmente, não está sendo utilizada em nenhum dos turnos por falta de internet e problemas nos computadores existentes. Já o laboratório de Ciências não tem utilidade por problemas de vazamento e humidade, este espaço posteriormente irá se tornar uma sala de artes e ciências.

A escola ocupa o espaço que pertencia a uma antiga fábrica de refrigerantes. Algumas modificações foram feitas para que o espaço físico e o prédio se tornassem mais adequados para receber toda a comunidade escolar. Mesmo com todas as adaptações evidenciam-se muitos problemas estruturais: o espaço físico é grande e mal dividido; o prédio da secretaria não é o mesmo que o das salas de aula, dificultando o acesso direto e a visibilidade de um prédio para o outro e há diversas saídas, o que dificulta o controle de entrada e saída dos alunos. Outro problema que preocupa à gestão da escola é a divisão do espaço com a creche, que possui uma outra gestão e funciona em um prédio anexo, pois com isso há uma grande movimentação de pessoas estranhas.

2.6 - Levantamento das dimensões funcional e relacional da escola.

Os espaços da escola são utilizados de acordo com suas finalidades, mas se necessário podem ser modificados às vezes. Por exemplo, as salas de aulas cotidianas podem virar “sala” de festa para a turma.

A escola estudada é uma das maiores do bairro, por isso é capaz de comportar 1.000 alunos divididos em dois turnos. A quadra é o único espaço que comporta 1.000 pessoas. No refeitório as professoras se revezam em grupos de quatro turmas. Já nas salas é possível encontrar até 40 alunos sentados, com seus respectivos espaços. Alguns professores, devido à quantidade de alunos e ao tamanho das salas preferem utilizar microfone móvel.

Os espaços da escola podem ser utilizados por todos os alunos, professores e funcionários em dia de aula. Mas nos finais de semana e feriados, caso a comunidade ou

outros grupos, como igrejas, ONGs e etc. desejem utilizar algum dos espaços necessita primeiro da aprovação da direção que, concordando com a utilização, envia o pedido à Coordenadora da 3ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) com todos os detalhes da utilização do espaço.

Para entrar na escola é necessário que cada pessoa se identifique ao vigilante. Isso acontece por causa dos conflitos que ocorrem nas proximidades e por segurança das crianças que ali estão. Esta regra passou a valer principalmente depois de um massacre contra alunos de uma escola pública em Realengo, onde quem matou os alunos foi um integrante da comunidade e ex-aluno que possuía livre acesso à escola. Esta organização tanto serve para a segurança de todos os que estão dentro da escola como para a organização interna.

A organização das turmas, principalmente a quantidade máxima de alunos nas salas, já está descrita pela SME.

Observe a tabela onde está a divisão das turmas. O quantitativo de alunos corresponde a 990, sendo divididos em 18 salas da seguinte maneira:

Tabela 9

Ano	Quantidade de turmas - Manhã	Quantidade de turmas - tarde	Quantidade de alunos ano	Capacidade por turma
Pré - Escola	4	3	175 Alunos	25 a 28 alunos
1º ano	2	3	149 Alunos	30 a 33 alunos
2º ano	2	2	116 Alunos	30 a 33 alunos
3º ano	2	2	125 Alunos	30 a 33 alunos
4º ano	2	2	135 Alunos	35 a 38 alunos
5º ano	1	2	94 Alunos	35 a 38 alunos
6º ano	2	2	142 Alunos	35 a 38 alunos
Projeto Realphabetização 1	1		23 Alunos	20 alunos
Projeto Aceleração 1	1		19 Alunos	20 alunos
Classe Especial	1	1	12 Alunos	6 alunos

No refeitório há seis merendeiros, cinco mulheres e um homem, com uma carga horária de 8 horas. Estes são responsáveis por preparar a merenda escolar, servir e manter a dispensa,

o refeitório e a cozinha limpos e organizados. Mas em relação aos funcionários da limpeza há uma dificuldade, são quatro funcionários da Comlurb para limpar toda a escola.

Na secretaria há duas equipes, a de direção que é composta pela diretora, diretora adjunta e coordenadora pedagógica; e a equipe de apoio à direção que conta com duas secretárias e dois professores readaptados. Além desses funcionários há também uma merendeira readaptada, uma agente educadora e a mãe representante do CEC que apoiam a escola tanto na parte administrativa quanto na pedagógica. O trabalho acontece de forma cooperativa.

O primeiro turno acontece de 07:30h às 12:00h e o segundo turno de 13:00h às 17:30h. Os turnos são de 4h30min cada um. Na entrada as turmas ficam enfileiradas na quadra, em seguida começam a se encaminhar para as salas com as respectivas professoras. Por dia, os alunos têm 15 minutos no refeitório para comer a merenda escolar e 20 minutos para lanche e brincar. Na saída as turmas dirigem-se para a quadra 10min antes do horário formados com as respectivas professoras esperando os responsáveis. Isso acontece nos dois turnos.

As aulas de Artes, Educação Física e Inglês acontecem nos dias de centro de estudos dos professores (PI e PEF), que ocorrem uma vez por semana.

2.7 - Gestão Democrática.

Na escola estudada as informações internas chegam a todos por meio de circulares. Na secretaria há uma folha com o nome de todos os professores e funcionários. Quando há uma informação, um funcionário da escola passa com a circular para todos os outros funcionários da escola. Além disso, a coordenadora pedagógica passa em todas as salas, todos os dias e nos dois turnos. Quanto às informações externas, para responsáveis e comunidade, são passadas através da agenda dos alunos, através de cartazes que ficam espalhados pela escola e às vezes pela diretora que faz a comunicação aos responsáveis na quadra com auxílio de microfone.

O grêmio, escolhido somente pelos alunos acima de 9 anos, também tem o papel de informar aos alunos sobre o que está acontecendo e “lutar” pelos direitos destes. Além do grêmio há outro grupo que participa mais profundamente das decisões, entrada de verbas e da prestação de contas da escola, conhecido como Conselho Escola Comunidade (CEC). Esse grupo possui dois alunos, dois professores, dois responsáveis, um funcionário e a gestora, assim toda a comunidade passa a saber o que está acontecendo na escola, por representação deste grupo.

O CEC tem grande importância dentro da escola, ou seja, todas as decisões financeiras, administrativas e pedagógicas acontecem em acordo com o CEC. Eles participam do Conselho de Classe, tem a possibilidade de também decidirem e opinarem em relação às questões citadas acima. Por exemplo: o CEC decidiu que o portão de entrada do prédio escolar fosse fechado meia hora após o horário de entrada a fim de evitar que responsáveis entrassem no prédio sem autorização da direção e também como forma de descobrir os alunos atrasados e adverti-los. A direção concordou e acatou a medida. As mães do CEC participam constantemente da vida escolar, pois elas têm uma relação de respeito e troca com a escola, e participam da vivência da coordenação, de todos os problemas e tomadas de decisão que ocorrem na escola. Os alunos do CEC participam como representantes dos alunos da escola levando para a direção suas queixas e desejos.

Muitos responsáveis estão presentes na escola levando e buscando seus filhos, participando de reuniões e festas, acompanhando passeios escolares e atendendo as solicitações de reuniões particulares.

A direção foi reeleita através do voto dos alunos, responsáveis e funcionários públicos da própria escola e foi chapa única.

2.8 Projeto Político Pedagógico

Segundo o documento do Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola visa à valorização dos professores em sala de aula (respeitando eles e seus ambientes de trabalho), a valorização do aluno (estabelecendo a criação de hábitos e atitudes), valorização dos responsáveis, enquanto cidadãos com direitos e deveres. Como se aponta no PPP:

1 Valorização dos professores em sala de aula

- Momento de planejamento é respeitado;
- Autonomia em relação ao seu trabalho em sala de aula;
- São lembrados nas datas comemorativas;
- Aulas diferentes e interessantes são elogiadas e divulgadas.

2 Valorização do aluno

- Escola limpa;
- Merenda bem preparada e servida;
- Acesso livre à secretaria e à direção;

- Reforço escolar;
- O direito de brincar fora da sala de aula, pelo menos uma vez por semana.
- Grêmio;

3 Valorização dos responsáveis

- Acesso livre à secretaria e à direção;
- Atendimento a solicitações possíveis em tempo hábil;
- Encontros diferenciados, onde os responsáveis lancham, assistem vídeos e experimentam um pouco da vivência escolar dos filhos.

Um dos objetivos é mostrar aos responsáveis que eles também possuem obrigações (deveres) com a escola e a comunidade que precisam ser cumpridos. O Projeto também trabalha com a construção da identidade da escola, para o qual se, buscou através de pesquisas e entrevistas, um pouco da história dos espaços físicos que ocupa, o motivo pelo qual ocupa esse espaço e o porquê da escolha do seu nome. Tem buscado conhecer a comunidade que frequenta essa escola.

A ideia de trabalho da escola é oferecer aos alunos um conteúdo que consiga atender as suas reais necessidades e aplicar avaliações internas mais unificadas sempre respeitando a individualidade de cada aluno e de cada turma, em conformidade com o Parâmetros Curriculares Nacionais, quando aponta que a escola desenvolva seu PPP

a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos [...] (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, pág.13)

Assim o PPP se orienta respeitando as orientações curriculares, considerando os saberes que os alunos trazem pra escola e conscientes de que saber ler promove a ascensão e a inserção do indivíduo na sociedade. Para isso, observamos o corpo docente, atentos às dificuldades os alunos nesses aspectos criando um planejamento com a intenção de acabar ou diminuir estas dificuldades que entendemos como sendo as reais necessidades do corpo discente.

Cabe ao campo educacional propiciar aos alunos as capacidades de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural. Apresenta-se para a escola, hoje mais do que nunca, a necessidade de assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos

necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania.
(PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, pág.27)

Para isso a coordenadora estabelece relação de conversa com os professores de todas as turmas a fim de decidir o que deverá ser trabalhado em cada ano de acordo com as necessidades dos alunos e com as orientações curriculares, determinando metas mínimas para cada série que os professores deverão trabalhar para desenvolver, podendo e devendo certamente ir além destas.

Também faz parte do PPP a implantação de Metas de Comportamento que surgem de acordo com as demandas e necessidades da escola, como a utilização do crachá para uso do banheiro e para beber água, o cumprimento do horário de saída e entrada (responsáveis e alunos), o comportamento na escada e estabelecer um discurso único entre professores para resolver conflitos.

Outra conduta realizada para a valorização do aluno é a criação do diploma para melhores alunos, a intenção é valorizar os alunos que tem um bom comportamento, que seguem as regras, que tiram boas notas, que são educados, pois na maioria das vezes por eles serem bons alunos acabam sendo “esquecidos”, então, o diploma vem para valorizá-los e ao mesmo tempo motivar os que não ganharam a melhorar para que possam ganhar também. Outro certificado é também o da “sala mais limpa”, com o apoio dos garis que informam as salas mais organizadas, estas ganham o diploma que fica colado na porta da sala. Assim todos veem e podem se sentir motivados a ganhar também. A coordenadora visita as salas para dar bom dia para os alunos e professores, ouvindo as histórias e muitas vezes participando das brincadeiras. Por fim, a parte do projeto dedicada aos responsáveis está pautada na construção da parceria escola-família, para tal, elas realizam os atendimentos com responsáveis sempre com muito respeito, mostrando o trabalho da escola, o rendimento e comportamento do aluno.

2.9 - Mudanças Pedagógicas.

A coordenadora atual assumiu a escola em 2012, junto com a direção eleita e fez algumas mudanças pedagógicas que percebeu serem necessárias até mesmo porque se somaram os 4º, 5º e 6º anos na escola. Quando esta direção chegou à escola, trouxe muitas mudanças consigo: a escola anteriormente só funcionava até a 3º série e não possuía projetos, sem contar que alguns prédios foram acrescidos ao espaço utilizado (não foram construídos, mas reformados para serem utilizados pela escola que estava crescendo).

- A partir de então a escola iniciou o seu PPP com a participação dos diversos segmentos da escola - Os responsáveis participam nas reuniões de responsáveis onde opinam sobre a escola e dão sugestões. A escola ouve e acata o que é possível. Os alunos participam de enquetes feitas pelos alunos do Grêmio e pelos representantes das turmas. Professores e funcionários ajudam diariamente a construir o PPP e não só no Centro de Estudos. A direção ouve todas as propostas e ideias, mas deixa a cargo da coordenadora a construção do PPP;
- Os professores passaram a ter dia e horário fixos de planejamento - O planejamento acontece da seguinte forma: terças-feiras do primeiro ao terceiro ano, quartas-feiras os projetos que no caso dessa escola são o sexto ano experimental e o Aceleração 1, quintas-feiras quartos e quintos anos. Os professores tem 4h de planejamento enquanto a turma tem aula de Inglês, Artes, e Educação Física. Mas nem sempre isso acontece como deve. Somente quando a escola está com o quadro de PII (Professor de Fundamental II) completo. O horário de planejamento é cumprido na escola. Metade do tempo planejando com a diretora e a outra metade as professoras arrumam a sala preparam e corrigem atividades;
- Cada professor a cada ano monta o seu portfólio - No início do ano cada professora recebe o caderno para montar o portfólio. Nele as professoras precisam colar todas as circulares que recebem da escola, o planejamento mensal e semanal, as atividades diárias que faz com os alunos, conceitos e faltas de cada bimestre e os gráficos que recebem da escola a cada bimestre. Enfim, tudo que diz respeito às suas atividades escolares. O portfólio serve como um espaço onde o professor registra seus processos de trabalho. Ele serve para que o professor saiba o que está fazendo porque não tem como ficar gravando. Serve para que no ano seguinte o professor avalie o que foi bom para manter e o que não foi para melhorar. Também ajuda ao professor que fica com a turma no ano seguinte e pode pesquisar o que fizeram. Além de ter esse registro para mostrar as chefias da CRE (Coordenadoria Regional de Educação do *Rio de Janeiro*) e SME (Secretaria Municipal de Educação) quando solicitam;
- Foram criados projetos de leitura: Mamãe me conta um conto, O cantinho da leitura e Posso ler pra você.
Mamãe me conta um conto - Na sexta feira alguns alunos da turma levam uma bolsa com um livro para que alguém da família leia pra ele ou com ele. Depois colocam na bolsa

um desenho sobre o livro feito pelo aluno e por quem leu com ele e o adulto que leu escreve o que achou do livro. O livro deve ser devolvido na segunda-feira.

Posso ler pra você - Alguns alunos num momento determinado pela professora colocam um crachá e leem para as pessoas da escola que são avisadas previamente. Eles leem para professores, outros alunos, direção, coordenadora, garis, merendeiras, vigilantes, os outros funcionários e até mesmo para outros responsáveis que estejam na escola.

Cantinho da leitura - Tem todas as salas. É um cantinho de livros que as crianças utilizam sempre que terminam as atividades. É um momento que tem que ser prazeroso e não obrigatório;

- Reagrupamento de alunos: os defasados em relação a sua turma se agrupam (em pequenos grupos) com outros também defasados, do mesmo ano e de outras turmas e são atendidos por duas professoras e a coordenadora, isso acontece duas vezes por semana com duração de 30 min. Os que não participam desse reagrupamento ficam em outra sala com a agente educadora e uma merendeira readaptada fazendo atividades de leitura e produção de texto;
- Projeto Mutirão da leitura. A agente educadora, a merendeira readaptada, a coordenadora, a mãe do CEC e a professora readaptada da secretaria adotam alguns alunos que ainda não sabem ler e doam um tempo do seu trabalho para ajudarem aos mesmos. Combinam com as professoras o momento em que retiram as crianças da sala para fazer esse atendimento individualizado que deve ser prazeroso e curto;
- A criação do próprio calendário escolar logo no início do ano, com base no calendário da prefeitura. Sujeito a mudanças, se necessário - No primeiro dia em que as professoras retornam a coordenadora mostra as sugestões e juntas determinam o que fica o que sai e o que precisa ser incluído. Nesse calendário entram as datas que serão comemoradas durante o ano letivo. Mas o calendário não é rígido. Pode ser mudado se houver necessidade.

Capítulo III – A escola na visão das famílias.

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar a visão da comunidade e das famílias sobre a escola estudada, levando em consideração as mudanças físicas realizadas durante esta gestão, desde seu início até o ano de 2015, assim como as mudanças de gestão e pedagógicas.

Para isso foi realizada uma entrevista com um responsável de cada turma do fundamental I, do turno da tarde. A pesquisa foi apresentada à direção da escola que prontamente solicitou à mãe representante do CEC que promovesse o encontro entre os responsáveis e a entrevistadora; os responsáveis foram escolhidos aleatoriamente. Durante o horário escolar os responsáveis que compareciam à escola por algum motivo eram convidados a participar da entrevista individual. Aqueles que aceitavam passavam para uma sala onde se encontrava a entrevistadora. Nesta sala a entrevista era realizada com tranquilidade e os responsáveis respondiam todas as perguntas, o que facilitou a relação da entrevistadora com o entrevistado. Outros, porém, foram entrevistados na hora da saída ao irem buscar seus filhos e concordavam em ficar mais uma pouco na escola para participar. Foram realizadas cinco entrevistas, sendo cada uma correspondente a um ano do ensino fundamental I. Estas duraram em torno de 5min à 10min e não era obrigatória para nenhum dos responsáveis, tudo era explicado antes – a importância da resposta deles, a não obrigatoriedade e principalmente a preservação da identidade de cada um, aluno e responsável – não sendo assinado nenhum documento para tal ação.

Após completar as entrevistas foram iniciadas as enquetes, que aconteceram durante o horário de saída e de entrada dos alunos. Esta contou com algumas dificuldades para ser realizada, pois, os responsáveis que iam até a secretaria ou eram trazidos para realizarem a entrevista, respondiam tudo com tranquilidade e buscavam prestar atenção no que estava sendo perguntado, porém durante as enquetes eles também tinham que tomar conta de seus filhos e com isso a enquete era interrompida várias vezes, está foi uma das limitações da pesquisa. Eles falavam além do que era perguntado. Relatavam sobre suas vidas, vivência e outras experiências que não estavam entre as perguntas, mas que iam surgindo durante a enquete. Por um lado foi bom, pois pude perceber outras situações que ainda não tinha acompanhado como: a posição dos responsáveis em relação aos professores e a organização na hora da saída e da entrada. Mas as enquetes ficaram “capengas”, pois eles não respondiam exatamente o que era perguntado, mesmo que a pergunta fosse repetida e explicada de formas diferentes. Este espaço acabava em fim sendo um espaço de desabafo com um certo controle

do que se falava, pois muitas vezes criticavam mas elogiaram em seguida. Com isso algumas enquetes tiveram, inclusive, mais tempo de duração que as entrevistas. Durante quatro semanas foram realizadas 50 enquetes. Os responsáveis escolhidos eram aqueles que aceitavam participar da enquete e que possuíam tempo disponível, ou seja, durante a saída os pais abordados, por mim, eram questionados se gostariam de participar da enquete, concordando se iniciava a gravação.

3.1 -Entrevistas

Ao chegar à escola para fazer as entrevistas, fui recebida pela coordenadora pedagógica. Combinamos como e onde seriam as entrevistas, para que a gravação fosse feita da melhor forma e para que os responsáveis pudessem responder as questões com tranquilidade. Em nenhum momento houve assinatura de documentos, todos os acordos foram realizados em conversa. Foi explicado que não haveria identificação dos entrevistados.

Quando os responsáveis entravam na sala olhavam tudo, o que estava na mesa, a entrevistadora e o papel que se encontrava na mão da entrevistadora. Alguns entravam e diziam “Não sei se vou saber responder, mas vou tentar!”, nesse momento era necessário fazer com estes compreendessem que o importante era a respostas deles. Antes da entrevista havia uma conversa explicando o motivo de tal ação e principalmente a necessidade de responderem as perguntas. A primeira pergunta - Ele (a) estuda aqui desde quando? Qual é o ano em que se encontra? - foi respondida por todos. Os que participaram das entrevistas responderam esta, assim que terminara de perguntar. Alguns eram mais diretos: “Segundo ano, desde cinco anos”. Outros explicavam até o motivo, como o responsável pelo aluno do primeiro ano:

Ele é do primeiro ano. Essa escola aqui é a melhor, ele veio da M., que ele não tinha professora, 6 meses, ele veio pra cá, já passou pela professora C., já passou por outra professora, vai fazer dois anos que tá aqui.

Conversando com a coordenadora pude observar que estas histórias, não todas, eram de conhecimento da equipe de gestão também, que se preocupava em conhecer as famílias que pertenciam à escola.

Também percebi a importância que os familiares têm quando atuam na escola, isso se evidencia na entrevista com o responsável do quinto ano.

No começo quando meu filho entrou na V., eu trabalhava em buffet, então não participava. Quando comecei a participar da escola, de

eventos, de reunião de pais, como mãe representante de turma, eu vi o interesse dele de me ver na escola, então todas as atividades que tinha que eu podia participar eu passei a participar. Antes de eu perceber que ele gostava de me ver na escola, ele não gostava, ficava chateado era agressivo na escola.

Já na segunda pergunta - Como é a sua relação com a escola? - observei uma atitude curiosa, todos sem exceção, respondiam de imediato “Não tenho nada o que reclamar [...]”, mesmo que continuassem suas falas, “[...] o atendimento é maravilhoso elas são muito atenciosas. Tem paciência com a gente que tem, eu não, mas tem assim muitas mães que são assim meio estressadas” (Responsável do segundo ano) ou “Eu não tenho o que me queixar da direção. Antigamente não tinha o projeto, o projeto surgiu quando entrou essa direção.” (Responsável do quinto ano). Vale destacar que, mesmo aqueles que manifestaram críticas não deixavam de elogiar a direção.

Bom eu até gosto, mas em certos momentos eu acho que não é muito bem organizado, porque, eu acho que tinha que ter mais disciplina com os alunos maiores, entendeu, às vezes eu vejo os alunos maiores mexendo com os pequenos, entendeu, e eu não acho isso certo. (Responsável do terceiro ano)

Com isso passei a observar mais as famílias e a rotina da secretaria, onde ficava a maior parte do tempo, e percebi que os responsáveis que entravam em busca de respostas, declarações e até de uma conversa, eram atendidos de imediato. Se fosse algo que demorasse algum tempo, era oferecido um lugar para sentar. Quando perguntavam sobre um aluno a coordenadora sabia falar qual era a turma, a professora, o que muitas vezes os responsáveis que iam buscar não sabiam. Pude concluir que naquele espaço os familiares eram recebidos de forma a sanar suas dúvidas e necessidades.

Em relação às questões três e quatro - 3. Você percebeu alguma mudança na estrutura física da escola (prédios, salas, limpeza, etc.)? A senhora (ou senhor) está de acordo?; 4. E em relação à gestão e aos professores, percebeu mudanças na organização e/ou no funcionamento da escola? A senhora (ou senhor) está de acordo? - houve dificuldade para resposta, foi necessário que as perguntas fossem realizadas de outras formas, assim todos responderam.

A questão três trata da estrutura da escola. Como vimos anteriormente, a escola cresceu com a chegada dessa direção, pois, antes dela, a escola atendia somente até o terceiro ano. Também devemos levar em consideração a reforma realizada no início dessa gestão, lembrando que os espaços eram de uma fábrica e não de uma escola. Dos cinco responsáveis entrevistados, dois responderam com mais clareza ao que foi perguntado: “E tá tudo mudado,

porque eu realmente não conhecia a V., vim conhecer depois que meu filho veio pra cá.” (Responsável do primeiro ano). E o responsável do segundo ano enfatiza: “Ah! Melhorou, melhorou bastante, no começo tava ruinzinho, mas teve muitas manutenções e melhorou”. Porém todos os cinco concordaram que as mudanças foram necessárias e positivas para que a escola estivesse adequada para receber os alunos.

A questão quatro - E em relação à gestão e aos professores, percebeu mudanças na organização e/ou no funcionamento da escola? A senhora (ou senhor) está de acordo? - obteve diferentes respostas. O Responsável do primeiro ano não tinha como comparar as direções, pois seu filho só havia estado com esta.

Então, ele se adaptou melhor com a direção, com os professores. Todo mundo que vem pra cá, fala que a V. é legal. A diretora também é responsável, qualquer problema ela tá ligando, pra saber por que a criança faltou porque não.

Já os responsáveis do segundo e do quarto ano, apesar de poderem comparar e dizer um pouco sobre as mudanças, não o fizeram, elogiaram a direção e sem dizer quais foram as mudanças, afirmaram que foram boas.

Peguei a mudanças das diretoras, era a diretora A. no começo e depois foi a diretora da B., aquela mulatinha. É que antes era na B. a escola aí elas mudaram os alunos que era da V. Aí eu fiquei conhecendo lá e aqui. Aí essa diretora veio pra cá, um amor, não tenho nada o que reclamar. (Responsável do segundo ano)

O responsável do terceiro ano realizou uma reclamação sobre a professora do ano anterior, mas disse estar satisfeita com a professora do ano de 2016. O que me chamou atenção foi a resposta do responsável do quinto ano. O filho dela estava tendo muita dificuldade para acompanhar a turma e também apresentava agressividade para com outros alunos, segundo relatos do responsável. Quando esta direção entrou, elas observaram este aluno e propuseram que ele fosse para uma turma de Realfa, com isso este aluno passou a acompanhar a turma e a diminuir a agressividade.

Quando ele percebeu que ele estava em uma turma de Realfa que ele estava se destacando, ele parou de dar problema, deixou de ser agressivo. Ele passou a acompanhar ele passou a ser um aluno de MB. Porque as matérias era o que ele sabia. E nas outras turmas ele não conseguia acompanhar. O comportamento ficou excelente.

As questões cinco e seis - 5. A senhora (ou senhor) sabe me informar por que foram realizadas?; 6. A senhora/o senhor participou em algum momento dessas mudanças? O que pensa dessas mudanças? - foram as que mais precisaram de reformulação, algumas vezes até

perguntava mais de uma vez em diferentes momentos. Percebi que eles falavam das mudanças, principalmente pedagógicas que seus filhos haviam experimentado, sem esclarecer quais mudanças a escola havia sofrido. Se prendendo a uma parte, as que lhes cabiam, e não observando ou tomando ciência do todo. Já as mudanças estruturais, que eram necessárias porque a escola era uma fábrica, não tiveram participação dos responsáveis, nem com a opinião muito mesmo com a participação na evolução da reforma. Então compreendi que talvez tenham participado da decisão, concordando e observando que estava dando certo, mas não deram ideias.

Toda a mudança, o mais velho, aliás, que tá saindo agora daqui ele inaugurou aqui. Ele entrou logo que a escola começou. Eu acho que foi positivo, mas poderia melhorar mais. Mas eu acho que foi positivo, os meus filhos, eu não tenho o que reclamar, que eles foi bem assim, não atrapalhou na educação deles. Bem o contrário, esse que tá no quarto ano, ele só evoluiu. Mesmo nas mudanças ele conseguiu evoluir bastante. Melhorou, o ruim pra mim é o elevador, que não tem uma pessoas pras crianças subi e descê. Porque a escada pesa, as escadas pras crianças pesa. Mas fora isso pra mim não meu... em nada não, eu achei bom. (Responsável do quarto ano)

As últimas, e não menos importantes questões, - 7. Isso tem influência sobre o que seu/sua filho(a) aprendeu? Por quê?; 8. Como a senhora (ou senhor) participa da vida escolar e do processo de aprendizagem do/da seu/sua filho(a)? - tinham o objetivo de observar se estes responsáveis tinham percebido o que havia sido relatado pela direção da escola. Se as mudanças pedagógicas, como os projetos da coordenação e do município, haviam atingido os pais e a percepções destes sobre o conhecimento escolar de seus filhos. Também busquei compreender até onde a “escola” se estende, se estes responsáveis percebiam a importância da presença deles na escola e principalmente a importância que a escola dá ao trabalho continuado, trabalho de casa.

Como pudemos perceber, em relatos anteriores, o responsável do quinto ano todo o tempo demonstra como seu filho melhorou em relação ao comportamento e ao desenvolvimento na escola. Ele atribuiu a isso a sua presença na escola e à atenção da equipe de gestão, representada pela coordenadora pedagógica, em compreender a necessidade de seu filho, quanto ao fato de necessitar mudar para uma classe que atenda suas necessidades pedagógicas.

Quanto aos outros, observaremos por partes, primeiro a questão 7 - Isso tem influência sobre o que seu/sua filho(a) aprendeu? Por quê? -, que busca compreender a influência dessas mudanças para os alunos. Os responsáveis do quarto e do segundo anos relataram que foi

positivo e perceberam que seus filhos se desenvolveram bastante, além de chamar atenção para a atuação das professoras.

E o aprendizado dele desenvolveu muito, muito. Porque ele tinha muita dificuldade, até repetiu. A professora que ele tá é maravilhosa. A gente tá torcendo pra ser a mesma professora ano que vem. Desenvolveu muito na leitura e na escrita. (Responsável do segundo ano)

Bom, esse que tá no quarto ano, ele só evoluiu. Porque ele era terrível, mas graças a Deus ao invés de ir pra trás ele foi pra frente com a ajuda da professora. Mesmo nas mudanças ele conseguiu evoluir bastante. (Responsável do quarto ano)

O responsável do primeiro ano percebeu que o aluno ainda não atingiu o domínio da leitura e da escrita, porém observa que já iniciou a aprendizagem,

Lê, aquele lê, ele não lê. A gente tem que ficar soletrando pra ele escrever. Sabe escrever o meu nome, o nome do pai e o nome dele. Mas assim, se for, uma frase comprida ele se enrola. Ele fica se enrolando pra lê. (Responsável do primeiro ano)

Em relação à questão oito – 8. Como a senhora (ou senhor) participa da vida escolar e do processo de aprendizagem do/da seu/sua filho(a)? - busquei entender e observar como era a participação da família nessa educação, além dos pontos evidenciados mais acima. Todos se mostraram participativos quanto ao dever de casa, a participação em reuniões e festas e até questionando as professoras sobre o aprendizado do seu filho. As respostas foram bem parecidas, mesmo tendo acontecido em dias e horários diferentes, estes compartilhavam da mesma opinião: o responsável deve acompanhar de perto a educação que seu filho recebe.

Ajudo ela em casa e assim qualquer coisa que eu achava que não tava certo, ao meu ver, eu vinha e conversava com a professora, ela me explicava. Assim, teve professora que ele teve dificuldade, porque, assim, cada caso é um caso. Cada professora tem seu jeito. Já com a P., mudou toda a aprendizagem, ela aprendeu muito. É um teatro, é uma reunião, é uma festa, eu nunca deixo de estar por dentro e de participar de tudo, porque a gente tem que acompanhar o colégio. (Responsável do segundo ano)

Eu pergunto quando a professora fala que ele não tá fazendo direito, eu comprei até o caderno de caligrafia pra ele, pra ela ajudar ele, eu sempre fico olhando o trabalho de casa. Eu sempre tô comprando o caderno porque tava vindo muita anotação da letra dele. Eu sempre procuro tá olhando. O dever de casa, às vezes, também eu ajudo ele porque ele não sabe. Participo de reuniões e da festa. (Responsável do terceiro ano)

O interessante foi perceber que não havia o domínio da parte pedagógica ou até das matérias, mas estes continuavam preocupados com o que seus filhos sabiam e com o que aprendiam.

Resende apresenta em sua pesquisa o resultado de três turmas com diversas famílias que foram entrevistadas sobre a importância do dever de casa, estas responderam que:

Em primeiro lugar, ao justificar a importância do dever de casa, as famílias de camadas populares enfatizaram principalmente a fixação do aprendizado que ele pode proporcionar, sendo que algumas mães também mencionaram o fato de o dever ocupar o tempo da criança de forma “útil”, evitando que ela fique “solta” ou vá para a rua.

Já nas camadas médias, houve argumentações mais diversificadas, [...] a concepção de que o dever é um canal para a participação dos pais na vida escolar dos filhos, permitindo acompanhar o que estão estudando e verificar seu desenvolvimento; e a ideia de que o acompanhamento ao dever de casa proporciona um momento de vínculo e interação entre pais e filhos. (RESENDE, 2008, Pág.: 389)

Ou seja, mesmo que os pais não saibam de todas as matérias dadas em sala eles compreendem a importância de realizá-lo. Seja para ocupar um momento ocioso ou para interagir mais diretamente com a escola e com o conhecimento que ali é proposto.

3.2 - Enquetes

A questão um era, supostamente, uma questão com resposta fácil para grande maioria – 1. Responsável por aluno(a) de que ano e turma? -, pois se tratava de uma situação pela qual os familiares passavam todos os dias ao pegar seus filhos com a professora da turma tal. Porém encontrei alguns, poucos, que perguntaram aos alunos, “Você está na quarta, né?”, estes mais à frente se mostraram “pouco ativos” na vida escolar, indo pouco a escola e até o dever de casa não era acompanhado em forma frequente. Em outros casos, a pessoa não era o/a responsável direto pela criança, mas era da família, avó ou tia. “Eu sou vó, mas a mãe dele tá pra chegar aí, mas ele vai se mudar daqui. Aí é só com a mãe dele, que vai poder responder.” (Familiar do primeiro ano).

A questão dois – 2. Como é a sua relação com a escola? -, mais uma vez, apresentou a peculiaridade de respostas imediatas e parecidas. “A minha relação com a escola é boa. Ela tá bem a professora disse que ela está lendo e escrevendo. Não tive problema não.” E as reclamações realizadas durante essa questão, não se encaminhavam para a direção, mas para as professoras que assumiam essas turmas. Isto também ocorreu com os elogios,

Responsável do segundo ano: tenho um da educação infantil e o outro era do segundo ano. Eu tive muito problema com ele, tive que transferir. Eu tirei ele daqui por agressão. Porque o menino chegava e era agredido. Foi ficando ruim, foi ficando ruim, aí tirei ele. Eu nunca tive reclamação dele e aqui eu tive uma vez só. Mas também eu virei amiga da diretora. Eu transferi ele, mas aí tive um problema porque eles ficaram no mesmo horário. O bom é que na outra escola estou tendo desconto ele entra 1:20 e sai 17:40. Mas aqui tá faltando muita coisa.

Entrevistadora: E o que está faltando?

Responsável do segundo ano: Organização. Muita organização, além de não ter organização, elas tentam, mas tem mãe aqui que não respeita que não espera se tiver uma festinha, igual agora dia... Na apresentação que as criança tavam cantando os pais não deixavam as crianças cantar, tirou o direito da criança. E a diretora tinha que falar, que ele vai sair quando dê o horário deles.

O que me chamou atenção foi o fato de dizer que não tinha organização e na explicação dizer que a direção deveria ensinar aos familiares o que fazer ou não com seus filhos no espaço da escola. Percebi que, às vezes, a responsabilidade do responsável e a responsabilidade da escola sobre o educando se confundem.

Dentro da educação destinada pela família aos filhos, Gallardo (2005, p.32) traz a responsabilidade que a família ocupa na inserção das crianças no meio social como “[...] instituição responsável por perpassar as normas, regras e regulamentos que servem de base para a organização de um grupo social, e os conhecimentos que se acredita serem úteis para se viver dentro de uma determinada organização social”. É oportuno considerar que toda família, em qualquer lugar e em qualquer sociedade, possui características próprias e, ao mesmo tempo, segue um padrão determinado pelo meio social em que vive. Na família, é passado, de geração a geração, um patrimônio cultural, que garante às futuras gerações cultivarem hábitos e características de seus antepassados, ou seja, da sua cultura, [...]. (GUIRRA, 2012, pág. 91)

Essa separação, essa linha tênue entre os dois grupos sociais parece não ter sido definida, ou até apresentado para muitos desses responsáveis. Acredito que quando cada grupo social sabe sua função a relação fica mais clara, cada um pode realizar sua parte. Isso, porém, não indica que será mais fácil, porque saber não é indicativo de que vai dar tudo certo, sobretudo, dadas as diferentes visões sobre o processo de escolarização e sua importância para a vida social e pessoal, o que nos remete às discussões já apresentadas neste trabalho sobre a prioridade que, no início do século XX, algumas famílias davam aos afazeres domésticos por sobre a convivência escolar e que ainda hoje, conforme o relato apresentado, parecem persistirem no tempo.

As questões três e quatro – 3. O que acha da escola, tanto com relação à sua estrutura (prédios, salas etc.) quanto ao pedagógico? Por quê?; 4. Percebeu algum tipo de mudança na estrutura física ou na organização pedagógica na escola? - são as primeiras questões que estão relacionadas às mudanças na estrutura e pedagógicas realizadas na escola. Encontramos algumas respostas diferentes, pois nem todos os perguntados acompanharam as mudanças porque não estavam na escola.

Desde o momento que ela está aqui a estrutura física é a mesma. Mas o que mudou não sei, acho que o aprendizado, o acolhimento. E espaço é o mesmo. Ela pegou uma turma boa de educação infantil, acompanhou a turma o tempo todo. Agora mudou de sala. Ela não sentiu nenhuma mudança. A gestão tem sempre tentado fazer o melhor para as crianças já não era ruim o ano passado e elas tão sempre tentando fazer o melhor. Sempre pra melhorar o que já estava bom. Desde que elas viram pra cá, que vim pra cá com a minha neta eu senti que elas estão sempre tentando melhorar mais, e elas sempre estão conseguindo. Não deixa nada a desejar. Mesmo que às vezes elas tenham alguma dificuldade, mas estão sempre tentando melhorar. (Responsável do primeiro ano)

Este responsável como outros não acompanharam as mudanças físicas, pois chegaram depois da reforma, só acompanharam as mudanças pedagógicas e perceberam a diferença, a mudança.

Somente um dos responsáveis questionou sobre duas situações: o elevador, que existe, mas não é utilizado porque não possui um operador, e o bebedouro que foi retirado do lado da quadra – ainda existe um bebedouro na sala de leitura que está próxima à quadra. Porém disse estar de acordo com as mudanças pedagógicas.

Entretanto, mesmo nessa pergunta, os alunos foram consultados por parte de seus responsáveis, “Bom pra ele foi bom, não foi? (O aluno) Bom, maravilhoso!” (Responsável do segundo ano)

Mesmo sendo enquete, a questão 5 mais uma vez se mostrou complicada - A senhora (ou senhor) sabe me informar por que foram realizadas? -, pois os responsáveis não respondiam com clareza, alguns ainda falavam das mudanças que seus filhos passaram dentro da escola. Já a questão seis, - 6. A senhora/o senhor participou em algum momento dessas mudanças? O que pensa dessas mudanças? – foi respondida com afirmações por todos os responsáveis na sua segunda parte, - O que pensa dessas mudanças? Mas apesar de responderem que concordam, não sabem dizer quais foram. Estes responsáveis percebem que seus filhos aprenderam, que a escola estava diferente, mas talvez não tenham parado para refletir sobre o que realmente tinha mudado, o que estava diferente.

Aqueles que respondiam falavam dos projetos pedagógicos como a sala de leitura e o reforço. Também deram destaque para o contato que a direção, diretora e coordenadora pedagógica, tinham com os responsáveis.

Eu concordo. São projetos, a sala de leitura, tem reforço. Acho que a escola tá no caminho do bem, tá fazendo o melhor pras crianças da comunidade. Eu não tenho o que me queixar. A gente como responsável, vê atitudes. A gente vê acontecer e vê as atitudes. As atitudes delas em relação aos alunos, para resolver. Às vezes chamam os responsáveis. (Responsável do primeiro ano)

Alguns nem falaram sobre o que foi perguntado, mostrando falta de conhecimento.

Acho que as melhora vão fazendo de acordo com, quem tem que fazer isso é o prefeito, é a diretora, entendeu?! Por isso que a escola faz parte da política, toda vez a gente tem que votar. Pra melhora alguma coisa, que melhora o salário do professor, que melhorando pro professor melhora pro aluno. (Responsável do quinto ano)

As últimas questões tratam de dois momentos, a 7 ainda fala sobre as mudanças, agora sim, com o intuito de saber como essas mudanças influenciaram nos alunos, porém as famílias já vinham fazendo isso durante a enquete como foi apresentada - 7. Essas mudanças têm influência sobre o que seu/sua filho(a) aprendeu? Por quê?

A questão 8 já aborda uma situação vivida pela família e pelos alunos e como os responsáveis veem isso e atuam nessas situações - 8. Como a senhora (ou senhor) participa da vida escolar e do processo de aprendizagem do/da seu/sua filho(a)?

Grande parte dos que responderam à enquete, 70% dos responsáveis, dizem acompanhar os filhos na escola. Vão às reuniões, acompanham o trabalho de casa e até estudam para as provas com seus filhos.

A tia sabe que eu estudo, às vezes fico até uma hora da manhã estudando com eles. E eu tô revoltada porque ele foi ruim na prova. Ele é inteligente só que ele falou pra mim. “Mãe, deu branco na cabeça e eu errei tudo. $2+2$, $2+2$, ô mãe me deu um branco.” “Como P. de dez questão você só acertou uma! Logo matemática que você e bom!” Mas assim aqui é bom, eu não tenho o que reclamar não. Mas deveria ter mais sabe o que, mais coordenadoras pra andar mais pelos corredores[...] Muitas vezes meus filhos não vêm, por causa do roteio, eu recebi até a carta, eu moro numa área de risco. Vai faltar, vai. Eu tenho 5 filho, mas quando dá tiro eu não levo. As reunião, poxa elas podiam marcar dia de semana, porque se tem compromisso sábado não vem, eu mesmo sou uma. Mas se tive dia de semana eu venho. Porque eu vejo pela outras escolas, e por aqui também, tem pai que não sabe nada sobre o aluno. Nada, ontem mesmo eu tava numa reunião, aí a professora pergunto: “você olharam a postila dos seus filho, olharam as prova?” Todo mundo não, não tive tempo. Eu vi.

Porque aí fala, “os professores tem que ensiná”. Os professores tem que ensiná a matéria, o governo manda a apostila, não a educação. Educação vem de casa. O que eu não tive eu tô tentando dá pra eles. (Responsável do terceiro ano)

Como se evidencia nessa fala, o acesso e a assiduidade à escola ainda continua sendo difícil para algumas famílias, nesse caso, por causa da violência no bairro, entretanto, a mãe reconhece a escola como um lugar de oportunidades para seus filhos, buscando apoiar e contribuir, inclusive observando o que estaria faltando para melhorar a educação que estes recebem.

As dificuldades enfrentadas por essas famílias para apoiar seus filhos na escola são diversas e as formas de enfrenta-las também. Assim, há uma pequena parte que chega a pagar ou tem alguém para ajudar os seus filhos com as matérias ou que buscam alternativas para comparecer às reuniões, nem sempre com sucesso:

Às vezes eu vinha, às vezes ela vinha, quando não dava nem pra mim nem pra ela aí que ninguém vinha, porque as minhas irmã trabalha. Eu fico de olho, a minha irmã e a madrinha dele ensina ele lê. (Responsável do terceiro ano)

E ainda há aqueles se preocupam também com outros itens que envolvem a educação de seus, os alunos.

Eu tento manter que ela tente manter o dever em dia, manter o uniforme dela sempre limpo, porque eu sou contra as crianças que vem suja pra escola. E tento manter ela na escola, e não faltar tanto. Porque a escola dá uniforme, eu não concordo que a criança venha com short diferente, de chinelo. Eu tive uma formação muito rígida e tento manter ela de acordo com a rede escolar. (Responsável do quarto ano)

Cabe destacar que, tanto nas enquetes como nas entrevistas, os familiares mais presentes na escola, aqueles que frequentam festas, reuniões e outras atividades propostas pela escola, se mostraram conhecedores da rotina escolar do filho. Eles sabiam responder o que a criança faz na escola, o que mudou e o que ainda precisa mudar, porém ainda há a necessidade deles conhecerem melhor os espaços da escola e a função desses espaços para seus filhos, assim como uma mais aprofundada compreensão das atividades propostas pela equipe pedagógica e a função destas para com os educandos para eles poderem participar mais ativamente.

Conclusões.

Durante esta pesquisa buscou-se compreender melhor a relação família-escola, dentro do campo escolar do ensino fundamental em uma escola pública da zona norte do Rio de Janeiro. Porém não se tem o objetivo de qualificar ou desqualificar esta escola e, sim, favorecer que esta relação se desenvolva auxiliando no ensino e na aprendizagem dos alunos ali presentes.

O primeiro capítulo trouxe uma breve discussão sobre os grupos sociais, família e escola, e a relação destes, para compreender que este não é um assunto nem uma relação recente. Esta relação acontece desde que se iniciaram os primeiros grupos escolares no Brasil, porém não da forma que a conhecemos hoje, ou seja, visando uma relação de troca e coparticipação, onde um completa a ação do outro no desenvolvimento da aprendizagem. Para isso é necessário que cada grupo entenda sua função e busque desempenhá-la de forma a desenvolver o educando em sua aprendizagem.

A família influencia no sucesso escolar do educando, pois quando está acompanhando, esta pode interferir nos processos que acontecem durante a aprendizagem de forma a auxiliar positivamente, seja em um reforço ou até trocando de turma, ou negativamente, não interferindo em nada ou até impedindo processos necessários.

No capítulo dois conhecemos vários aspectos da escola estudada, físicos e pedagógicos. Neste percebemos que algumas mudanças foram realizadas e que a direção da escola vem tentando modificar estes espaços de forma a atender melhor os educandos. Esta escola está em uma “área de risco”, pois se encontra próximo do Complexo do Alemão. Mesmo assim as melhorias estruturais e pedagógicas são realizadas, a direção não deixa de trabalhar por causa da violência no bairro, embora essa situação às vezes dificulte o acesso dos estudantes à escola, o que certamente influencia nos processos de aprendizagem.

No terceiro e último capítulo pudemos constatar que apesar da escola estar aberta aos familiares e procurar esclarecê-los sobre as mudanças e propostas pedagógicas e materiais, ainda há a necessidade de envolver, seja com a presença ou na atuação, uma parte considerável dos responsáveis dentro da escola. Muitos participam e conhecem a estrutura, mas por falta de tempo ou até envolvimento alguns ainda não tem conhecimento pleno dessa estrutura e da importância da escola. Também podemos perceber que a família ainda não reconhece de forma plena as diferentes responsabilidades e funções de cada parte, muitas vezes dificultando a relação destes dois grupos.

Entendemos que com as atitudes tomadas para o desenvolvimento da escola na relação com a família, deve estar também o estabelecimento do dever da escola e do dever das famílias. Este último grupo já identifica na escola a importância de seu espaço e do conhecimento trocado, mas às vezes confunde-se o que é de responsabilidade da escola e o que é de responsabilidade das famílias.

Pelo outro lado, percebe-se que a escola tem caminhado para compreender e aproximar os responsáveis, buscando o contato com a família e recebendo-os da melhor forma. No entanto, ainda há barreiras a vencer e obstáculos a ultrapassar, pois as falas dos familiares são importantes para o desenvolvimento da escola. Um espaço para dar opinião, de acesso a todos, assim como maior participação nos processos de planejamento dos projetos propostos, seria apropriado para o sentimento de pertença por parte das famílias.

Quanto à pesquisa realizada percebesse que as palavras “boazinha”, “atenciosa”, apareceram nas entrevistas várias vezes, seja qualificando a direção ou as professoras, demonstrando que o tratamento com que são recebidos, assim como as mudanças realizadas na materialidade da escola, ficam mais evidentes para eles. No entanto, me pergunto pela evidência que o processo de aprendizagem tem para esses responsáveis e pelo que a escola tem feito para destacar os aspectos pedagógicos e da aprendizagem dos estudantes no relacionamento com as famílias. O que estes responsáveis entendem por matérias, conteúdos escolares? O que seus filhos deveriam aprender dentro da escola? Qual o currículo a ser trabalhado? Talvez essas deveriam ter sido as primeiras perguntas do questionário, para compreender o que esses familiares entendem sobre a educação que seus filhos recebem.

De qualquer forma, se há um grande aprendizado neste trabalho, é que pesquisas, observações e enquetes também devem ser feitas pela equipe gestora para que estas opiniões e a avaliação do trabalho da escola não se perca, para que as vozes dos familiares possam ser ouvidas e ponderadas pela equipe escolar.

Concluo com um texto de Paulo Freire que traduz com uma visão, ao mesmo tempo romântica e realista, o que a escola representa, ou deveria representar...

Escola é

... o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...

Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Paulo Freire⁶

⁶ http://www.cuidademim.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=125:a-escola-e&catid=45&Itemid=82. Acesso em: 29/02/16

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. F. C. de. O lugar da Afetividade e do Desejo na Relação Ensinar-Aprender. In: **Temas de Psicologia**, n. 1, p. 31-44, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100006>. Acesso em: 12/03/2016

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm >. Acesso em: 12/03/2016.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais** - Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> >. Acesso em: 12/03/2016

CARVALHO, A. **A Família na Atualidade**. 08 de dezembro de 2008. Disponível em: < <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/psicologia/a-familia-na-actualidade.htm>>. Acesso em: 12/03/2016

CASTRO, J. M.; REGATTIERI, M (orgs.). **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília. UNESCO, MEC. 2009. Disponível em: / < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192 >. Acesso em: 12/03/2016

CHECHIA V. A. ANDRADE A. dos S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. In: **Estudos de Psicologia**. Natal, vol.10, no.3, Set./Dec., 2005. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300012>>. Acesso em: 12/03/2016

CRUZ A. R. S. da. **Família e Escola: um Encontro de Relações Conflituosas**. p.27-45, jul./dez. 2007. Doutorado, no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Universidade Federal da Bahia. Feira de Santana.

CUNHA M. A. da. **O conceito de família e sua evolução histórica**. Piracicaba/SP. 2009. Disponível em: < <http://www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/historia-do-direito/170332>>. Acesso em: 12/03/2016

DUARTE R. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março/ 2002. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115>>. Acesso em: 12/03/2016

FERNÁNDEZ, S. J. **Gestão escolar e cidadania: memórias, diálogos e encruzilhadas nas relações mães-escola**. Tese de doutorado. UFF, 2011.

FILHO L. M. de F. VIDAL D. G. Os Tempos e os Espaços Escolares no Processo de Institucionalização da Escola Primária no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03>>. Acesso em: 12/03/2016

GIVISIEZ H. N.; CERQUEIRA C. A. **Parte I. Conceitos básicos de Demografia**. Capítulo 1: Conceitos Básicos em Demografia e Dinâmica Demográfica Brasileira. Parte1, cap1, p.13-44, 2004. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/demoedu/parte1cap1p13a44.pdf>>. Acesso em: 12/03/2016

LUDORF S. M. A. **Metodologia da Pesquisa**: do Projeto à Monografia. Rio de Janeiro. Shape, 2004.

MARTINEZ S. de, ALESSANDRA F. Crianças e Escolas na Passagem do Império para a República. In: **Revista Brasileira de História**. Brasil. Associação Nacional de História São Paulo. vol. 19, núm. 37, setembro, 1999. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100004> Acesso em: 12/03/2016

MÜLLER L. de S. A Interação Professor - Aluno no Processo Educativo. In: **Integração Ensino⇌Pesquisa⇌Extensão**. Ano VIII, nº 31, p. 276-280, Novembro/2002. Disponível em:< http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf>. Acesso em: 12/03/2016

NOGUEIRA M. A. Família e Escola na Contemporaneidade: os meandros de uma relação. In: **Anál. Social**, n.176, Lisboa out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732005000400005>. Acesso em: 12/03/2016

NOGUEIRA M. B. A Família: Conceito E Evolução Histórica E Sua Importância. In: **BuscaLegis**. 03/03/2011 Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/18496-18497-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12/03/2016

OLIVEIRA R. P. Da Universalização do Ensino Fundamental ao Desafio da Qualidade: Uma Análise Histórica. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 661-690, out. 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0328100.pdf>>. Acesso em: 12/03/2016

POLONIA, A. da C.; DESSEN, M. A. Em Busca de uma Compreensão das Relações entre Família e Escola. In: **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) vol.9 no.2 Campinas Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012>. Acesso em: 12/03/2016

PORTO-GONÇALVES W.; SILVA R. T. da. Da Lógica do Favor à Lógica do Pavor: um Ensaio Sobre a Geografia da Violência na Cidade do Rio de Janeiro. Polis, **Revista de la Universidad Bolivariana**, Volume 10, Nº 28, 2011, p. 323-356. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/polis/v10n28/art17.pdf>>. Acesso em: 12/03/2016

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, **Resultados do IDERIO 2014 confirmam avanços na rede municipal de ensino**. 2015. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5468174>

RESENDE T. de F. Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa. 2008. p.385-398. In: **Revista Paideia**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/14.pdf>>. Acesso em: 12/03/2016.

SANTOS A. L. P.; CARVALHO M. E. P de. O Currículo Escolar e a Culpabilização Materna. In: **Espaço do Currículo**, v.2, n.2, p.196-207, Setembro de 2009 a Março de 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/4280/3237>>. Acesso em: 12/03/2016

YIN R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre. Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em: 12/03/2016

GUIRRA F. J. S. A Importância da Educação na Vida da Criança. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar, v.3, n.8, p. 91-94, 2012. On-line <http://revista.univar.edu.br> Disponível em: <http://www.univar.edu.br/revista/downloads/importancia_educacao_vida_crianca.pdf>. Acesso em: 12/03/2016